

Gazeta das Aldeias

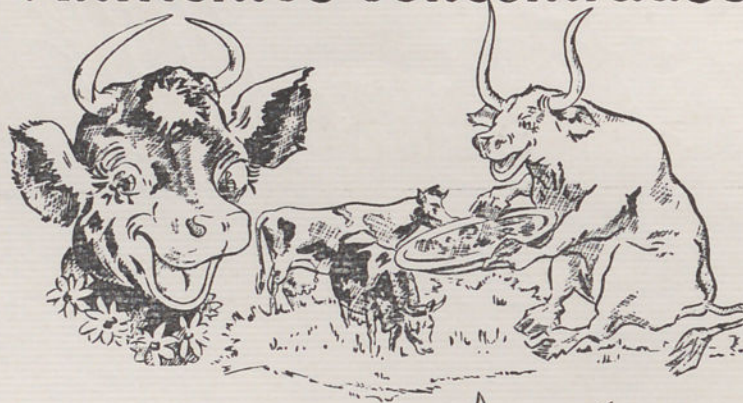
N.º 2499

16 DE JULHO DE 1963



Sala _____
Est. _____
Tab. _____
N.º _____

Alimentos Concentrados



PRODUTOS COMPOSTOS COMPLETOS:

3609

- SOJAGADO N.º 3 — Para porcos em engorda
- SOJAGADO N.º 4 — " galinhas poedeiras
- SOJAGADO N.º 5 — " pintos até 6 semanas
- SOJAGADO N.º 6 — " frangos para carne
- SOJAGADO N.º 7 — " frangas

PRODUTOS COMPOSTOS COMPLEMENTARES:

- SOJAGADO N.º 1 — Para vacas leiteiras
- SOJAGADO N.º 2 — " bovinos de engorda e trabalho
- SOJAGADO N.º 8 — " aves em postura
- SOJAGADO N.º 9 — " éguas criadeiras e poldros
- SOJAGADO N.º 10 — " porcos em crescimento (dos 25 aos 60 quilos)

FARINHAS ALIMENTARES PARA GADO

SOJAGADO

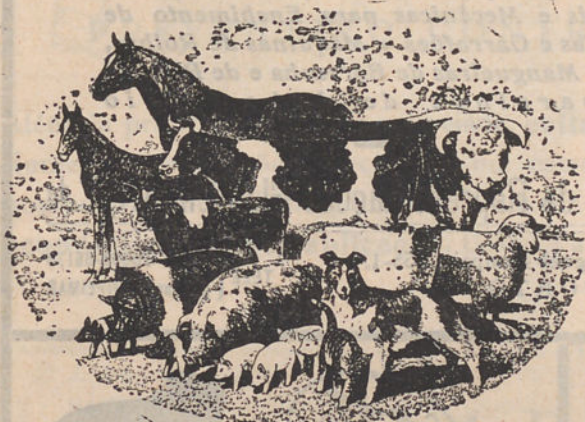
SOJA DE PORTUGAL, LDA.

FABRICAS EM OVAR—TELEF. 63 ● ESCRITÓRIOS—RUJA DOS FANQUEIROS, 38-1.—LISBOA

Proteja

a Pecuária Nacional

Os métodos de criação e as raças
variam . . .



mas

o AUROFAC* suplemento alimentício revolucionário, para as aves de criação, os bezerros e os porcos, dá sempre resultado . . .

porque

... dando-se-lhes AUROFAC* os animais produzem maior lucro no mercado, visto estar provado que:

- a *crecem com maior rapidez*
- b *dão mais carne com menos alimento*

Sim... O AUROFAC*, que é devido ao labor de investigação científica da American Cyanamid Company, contém AUREOMICINA* e Vitamina B₁₂... e obra autênticos milagres!

Dê sempre a suas aves de criação, bezerros e porcos, alimentos que contenham...

AUROFAC*

DEPARTAMENTO AGRO-PECUÁRIO

Cyanamid International

WAYNE, N. Y. E. U. A.

3243

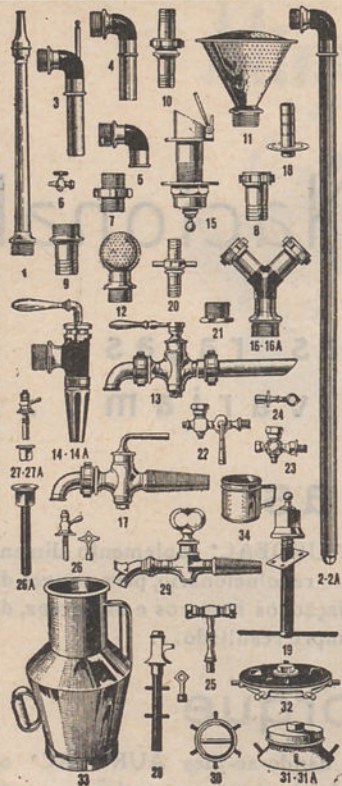
* Marca Registrada

Representantes exclusivos para Portugal e Ultramar:
ABECASSIS (IRMÃOS) & C.^A
Rua Conde Redondo, 64 — LISBOA
Rua de Santo António, 15-3.º — PORTO



GAZETA DAS ALDEIAS

(289)



Tanino «Dyewood» 100% solúvel (o mais puro à venda no País)

Amiantos «Filterit» (isentos de ferro e de cálcio)

Carvão Vegetal «Actibon» (poderoso descorante, absolutamente inodoro)

Calgonit (o mais enérgico produto para lavagem e desinfecção de vasilhame)

Microsil (a mais fina terra de infusórios para filtros)

Filtrodur (a marca de placas que deve preferir para os seus filtros)

*Grupos Electro-Bombas * Filtros Suíços de Placas * Instalações Suíças para Filtração * Instalações para Gaseificação * Máquinas Manuais e Mecânicas para Enchimento de Garrafas e Garrafões * Máquinas de Rolhar, etc. * Mangueiras de Borracha e de Plástico * Aparelhos de Laboratório*

Sociedade de Representações GUIPEIMAR, L. da

Rua de Rodrigues Sampaio, 155-1.º
PORTO

TELE { fones: 28093-35173
grâmas: GUIPEIMAR

3876

O Caminho de Ferro
é o transporte ideal, pois
é seguro, rápido, prático
e económico.

1893



3384

SEMENTES

1862

ALÍPIO DIAS & IRMÃO recomendam aos seus Amigos e Clientes, que nesta época devem semear as seguintes variedades:

Alfices, Beterrabas, Cenouras, Couves diversas: Couves brócolo, Couves flor, Lombarda, Penco de Chaves, Penco de Mirandela, Penco da Póvoa, Tronchuda: Ervilhas de grão, Feijões de vagem, Espinafres, Rabanetes, Repolhos, assim como: Azevéns, Eucaliptos, Erva molar, Luzernas, Lawn-grass, Ray-grass, Trevos, etc., etc. e ainda uma completa coleção de Flores.

Se deseja SEMEAR E COLHER dê a preferência às sementes que com todo o escrúpulo lhe fornece a

«SEMENTEIRA» de Alípio Dias & Irmão

Rua Mousinho da Silveira, 178 — Telefones: 27578 e 33715 — PORTO

N. B. — Preços especiais para revenda CATÁLOGO — Se ainda não possui, peça-o que lhe será enviado gratuitamente



NOVOS PROCESSOS DE CONSERVAÇÃO

DA
BATATA



— *BIKARTOL-NEU* —

PREVENTIVO CONTRA O GRELAMENTO

Além da propriedade acima anunciada, **evita as perdas de peso por desidratação**. Numerosas aplicações, efectuadas em campanhas passadas, pelos Srs. Lavradores, nossos estimados clientes, demonstraram ser este produto de **extraordinária eficácia, económico e de fácil aplicação**. Usar 1,2 a 2 kgs. de produto por tonelada de batatas.

— *KARSAN* —

PREVENTIVO CONTRA O APODRECIMENTO

Evitando também as perdas de peso por desidratação. Pode-se aplicar mesmo na batata de semente, pois **não afecta as propriedades germinativas** dos tubérculos. Permite conservar uma tonelada de batata (mais de 66 arrobas) com cerca de 400 grs. de produto.

Tanto o *BIKARTOL-NEU* como o *KARSAN* não dão mau sabor nem chelro às batatas, nem são perigosos para a saúde humana. São ambos fabricados pela SCHERING de Berlim.

Distribuidores Exclusivos:

AGUIAR & MELLO, L.^{DA}

Praça do Município, 13-1.º — LISBOA

2891

DEPOSITÁRIOS EM TODO O PAÍS

Na Cultura do Milho

Para aumentar a sua colheita e
reduzir as despesas de grangeio
semeie, sache e regue com

Gutbrod

Peça prospectos, preços
ou demonstrações à

Agência Geral GUTBROD

Rua de José Falcão, 152-156 — PORTO
Telefones: 20947 e 20948

OU NOS DISTRIBUIDORES



TIPO
«TERRA»

3781



1369
**CONTRA A
PAPEIRA**

OS CRIADORES PREVIDENTES DÃO

MARCA PLOUGH (CHARRUA)

(Allen & Hanbury, Ltd., Londres)

Tetracloreto de carbono em cápsulas de 1 c. c.

- Produto garantido
- Eficácia comprovada
- Fácil aplicação
- Reduz a mortalidade
- Valoriza as cabeças
- Melhora a lã

Agentes: COLL TAYLOR, L.da-R. Douradores, 29-1.- LISBOA
Telefone, 321476

PARA AS GALINHAS

USAR o conhecido **DESINFECTANTE ZAP**
ENÉRGICO, ACTIVO, EFICAZ

Aplica-se nos bebedouros das aves e é **INOFENSIVO** para
os animais domésticos

Com o desinfectante **ZAP** as galinhas não se contaminam
Frasco pequeno . 12\$50 * Frasco grande . 50\$00

Vende-se em todas as farmácias, drogeries, aviários, etc.



DISTRIBUIDORES
GERAIS:

Vicente Ribello
& C.ª

R. dos Fanqueiros, 84, 1.ª, Dt.ª
L I S B O A

- *Sachadores*
- *Semeadores*

PLANET *Lor.*

AGENTE GERAL PARA PORTUGAL

Centro Agrícola e
Industrial, Lda.

Adbos - Máquinas Agrícolas - Sementes

307 - Rua de Santa Catarina - 309
Telef. 25865/6 PORTO Teleg. AGROS

2747

Snr. Lavrador

Faça as suas contas!

Prefira como adubo azotado o

Nitro-Amoniaco C. U. F. Concentrado

com 26,5 % de Azoto

(Metade nítrico * Metade amoniaco)

pois é de todos os adubos azotados
aquele que resulta **MAIS BARATO.**

Pode aplicá-lo, quer à

SEMENTEIRA quer em COBERTURA

Companhia União Fabril

LISBOA - 3

Av.ª do Infante Santo
(Baveto da Av.ª 24 de Julho)



P O R T O

R. do Bolhão, 192-3.º

DEPÓSITOS E REVENDEDORES EM TODO O PAÍS

à Lavoura

Pó Flecha D. D. T.

a 5%, a 10%, a 20% e 50%

Pó Flecha Lin-Exano

a 6 e 10% de LINDANE

Pó Flecha-Exano

a 1 e 6% de B. H. C.

Matoescaravelho Flecha

Emulsão Flecha-Clor à base de chlordane

Para o extermínio das pragas das *Vinhas, Batatais, Hortas e Pomares*

A VENDA NAS BOAS CASAS

Tudella & Esteves, Lda. — Praça da Alegria, 40-A — LISBOA 2



PODEROSO INSECTICIDA
para todas as culturas

Emulsão Flecha-B

à base de Lindane

Emulsão Flecha-Malatone

à base de Malation

Fungicida Cobragan 50

50% de cobre

Zincobril

combinação oxicleto de cobre e Zineb

Emulsão Fosfortion Flecha

3940



**com qualquer tempo
e em qualquer terreno**



As 4 rodas motoras do motocultivador REX e a sua tomada de força, garantem-lhe a possibilidade de efectuar todos os seus transportes.

Isento de carta de condução, REX é um motocultivador robusto para todos os trabalhos de lavoura.

Gutbrod/MotoStandard

A maior organização na venda de motocultivadores de todos os tamanhos e potências.

EM ARMAZÉM TODAS AS PEÇAS NECESSÁRIAS PARA PODER GARANTIR UMA ASSISTÊNCIA PERFEITA

AGÊNCIA GERAL

Telefs.
20947
20948



PORTO

152, Rua de José Falcão, 156

3928

Senhores Lavradores

A «CASA MALTA» fornece nas melhores condições:

Máquinas Agrícolas de todos os tipos

Adubos, Insecticidas e Fungicidas para todas as culturas e tratamentos, tais como: Acticupro, Ultraenxofre, Cobre Sandoz, Sulfato de Cobre inglês, Thiovit, etc., etc.

Sementes para Horta, Jardim e Pastos, incluindo bolbos recebidos directamente da Holanda, Jacintos, Narcisos, Iris, Tulipas, Ranúnculos, Anémonas, etc., etc.

No interesse de V. Ex.^a, consulte sempre

Malta & C.^a Lda.

Rua Firmeza, 519 — PORTO — Telefone, 20315

2087



DINHEIRO

Emprestamos qualquer quantia sobre propriedades

....
Não cobramos avaliações aos prédios

....
Consulte-nos

Centro Predial do Norte

R. Passos Manuel, 71 - Telefs. 34995 e 35329 - Porto

3840



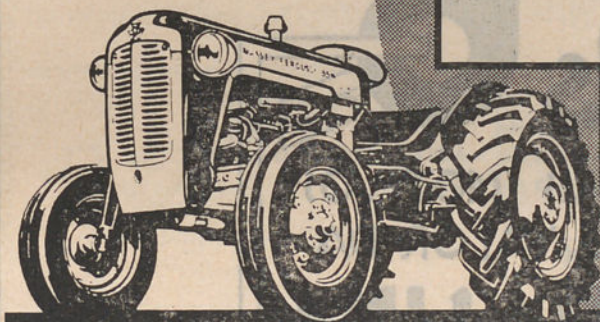
MASSEY-FERGUSON

APRESENTA O NOVO TRACTOR

3-5-X

com

44 hp



E O AUTÊNTICO

GARANTIA
DE UM ANO

Sistema "FERGUSON"

TRACTORES DE PORTUGAL, LDA.

Av. da Liberdade, 35, 4.

LISBOA

Agentes em todo o País

3687



BALANÇAS e BÁSCULAS

Uma gama de produção que vai da balança química analítica da mais alta sensibilidade, com funcionamento automático e leitura directa do resultado de pesagem de freio amortecedor electrónico, às Bâsculas automático-registadoras mais dimensionadas para a carga máxima de pesagem de:

150 toneladas e 22 metros de ponte
Um tipo de balança para cada fim

Confie o seu problema de pesagem aos técnicos balanceiros especializados

ROMÃO & COMP.ª FÁBRICA DE BALANÇAS—LISBOA

e tê-lo-á resolvido correctamente.

Uma velha experiência de 175 anos ao serviço da mais moderna técnica.

13, Cruzes da Sé, 29 LISBOA Telefones, 870151/52

8950

os 6

PRINCIPAIS MOTIVOS
DO ALTO VALOR DA
UROCRASINA

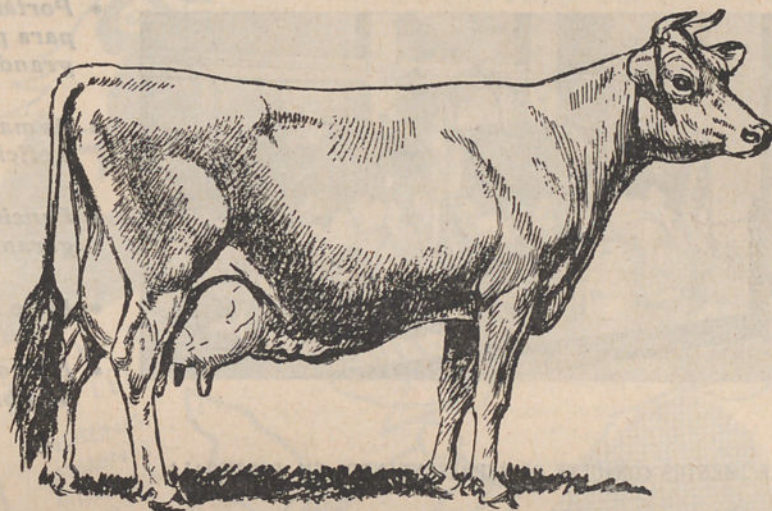
- 1.º Dissolve e elimina o ácido urico
- 2.º Activa a diurese
- 3.º Regularisa a tensão arterial
- 4.º Facilita a circulação do sangue
- 5.º Combate a obesidade
- 6.º Desintoxica e rejuvenesce

UROCRASINA

O específico Anti-urico por excelência

2816

VACA que não é ordenhada
é **VACA** que não dá rendimento...



...de modo que para combater a mastite que tão generalizada e que tão prejudicial é, há que ir pelo seguro: POMADA e SUSPENSÃO DE «AUREOMICINA» para instilação nos úberes, porque é um preparado de comprovada eficácia



3211

Geralmente, basta um tratamento para que o animal se restabeleça e se possa aproveitar o seu leite. Mas sendo necessário repetir-se, só há que fazê-lo cada 48 horas, o que representa outra economia de tempo e de dinheiro

POMADA e SUSPENSÃO DE AUREOMICINA*

Cloridrato de Clorotetraciclina para instilação nos úberes



* Marca Registada

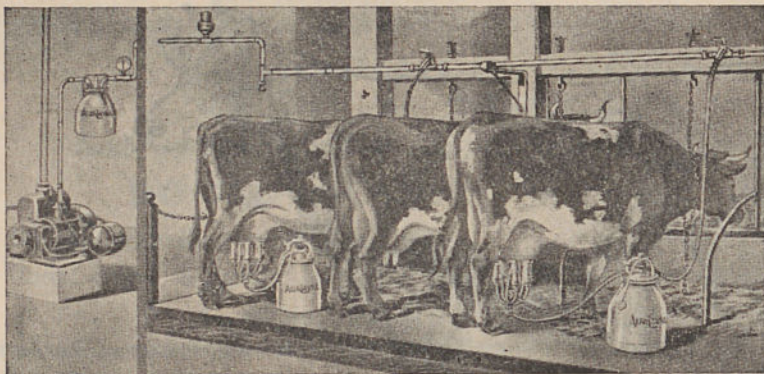
Apresentação: { POMADA
Bisnaga de 7,1 g
SUSPENSÃO
Seringa de 6 cc.

DEPARTAMENTO AGRO-PECUÁRIO
Cyanamid International
A Division of American Cyanamid Company
30 Rockefeller Plaza, New York 20, N.Y., U.S.A.



Repres. Exclusivos para Portugal e Ilhas:
ABECASSIS (IRMÃOS) & C.A
Rua Conde de Reñondo, 64-3.º — LISBOA
Rua de Santo António, 15-3.º — PORTO

INSTALAÇÕES AUTOMÁTICAS "ALFA-LAVAL"
DE ORDENHA



- * Portáteis e fixas, para pequenas ou grandes vacarias
- * As mais modernas e eficientes
- * Funcionamento garantido
- * Leite higiénico
- * Economia de mão de obra

3887

PARA ESCLARECIMENTOS CONSULTE OS REPRESENTANTES EM PORTUGAL:

HARKER, SUMNER & C.^A L.^{DA}—PORTO-38, R. Ceuta, 48 * LISBOA- 14, L. do Corpo Santo, 18

Electro-Bombas

desde o mais pequeno monofásico até ao maior trifásico multicelular

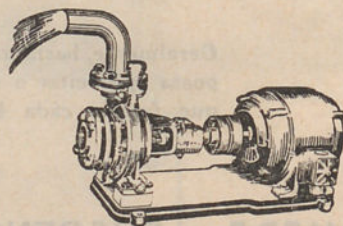
Proteja o seu grupo com um automático BROOK
ou com interruptor de boia

Tubos em ferro e plástico

CONFIEM na grande experiência da

Casa Cassels

Rua Mousinho da Silveira, 191 — PORTO
Avenida 24 de Julho, 56 — LISBOA



3927

CORREIAS — MANGUEIRAS — COLAS

GOOD YEAR

Distribuidores exclusivos: Canelas & Figueiredo, Lda. — R. Fanqueiros, 46 — LISBOA

3643

OS ALIMENTOS COMPOSTOS
e CONCENTRADOS

PROVIMI

MUNDIALMENTE ACREDITADOS



Contêm as **proteínas**, as **vitaminas**, os **minerais** e os **antibióticos**, cientificamente doseados, uniformemente misturados e biologicamente controlados.

FABRICANTES-CONCESSIONÁRIOS:

3501

*Fábrica de Rações da
Beira, Lda. — Caramulo*
*Fábrica Luso Holandesa de
Rações, Lda. — Carregado*
Bonifácio & Filhos — Ovar
Sofar, Lda. — Faro

*Prazeres & Irmão,
Sucrs., Lda. — Castro Verde*
*Nicolau de Sousa Lima
& Filhos Lda. — Ponta Delgada*
*Fábr. de Rações Provimi
da Madeira, Lda. — Funchal*
A. Relvas, Lda. — Malange

PROVIMI PORTUGUESA — Concentrados
para Alimentação de Animais, Lda.

Rua do Machado, 47 — Carnide — LISBOA 4

Telefs. 783439 — 782131 — 782132 — 780391

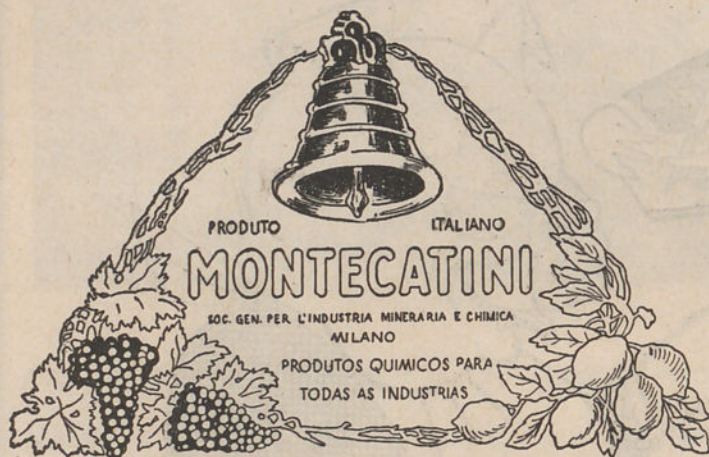
GAZETA DAS ALDEIAS



(299)

ácido tartárico italiano Montecatini

“antiga marca appula”



Vinicultores

peçam aos seus fornecedores esta antiga
e acreditada marca

MONTECATINI S. G. Milano Itália

adubos - insecticidas - fungicidas

todos os produtos químicos para agricultura e indústria

Agente

EMANUELE BARABINO

Rua da Prata, 93-2.º esq. - LISBOA - 2 — Tel. 369965

SUMÁRIO

Pasteur e a Enologia	521
A infância, «fulcro» duma necessária campanha de educação florestal — Eng. Silvicultor Maximino Alvarez	522
Excursões do Curso de Engenheiro Silvicultor — Eng. Silvicultor C. M. Baeta Neves	525
A fruticultura está na ordem do dia — Eng. Agrónomo Dulio Marques	528
Vinhos da Estremadura — Eng. Agrónomo Pedro Nuncio Bravo	530
A empresa familiar na Agricultura Americana — Eng. Agrónomo G. Santa Ritta	532
Árvores e madeiras de Portugal — Eng. Silvicultor Albino de Carvalho	535
Videiras porta-enxertos — Eng. Agrónomo Alfredo Baptista	539
Ainda a «Semana Florestal»	543
Ajudai-nos! Protegei-nos! Salvai-nos! — Eng. Agrónomo Luis Bivar	544
Caça e Pesca — Valor da Pesca nas Águas Doces — Almeida Coquet	547
Ervas daninhas do Arrozal — Regente Agrícola José Farinha	550
Mirante — Conde d'Aurora	552
A planta e os adubos	552
Secção Feminina	553
SERVIÇO DE CONSULTAS	
— Fruticultura	555
— Patologia Vegetal e Entomologia	556
— Zootecnia	558
— Direito Rural	557
Informações	559

A NOSSA CAPA



Valpaços, Carrizado de Montenegro

Pelo caminho serpenteando entre velhos castanheiros seculares, o rebanho segue para os pastos

Cliché gentilmente cedido pelo Centro de Estudos de Etnologia Peninsular — Porto.

Visado pela Comissão de Censura

Gazeta das Aldeias

Fundada por *Julius Gama*

REVISTA QUINZENAL DE PROPAGANDA AGRÍCOLA

DIRECTOR

AMÂNDIO GALHANO

Engenheiro Agrónomo

EDITOR JOAQUIM A. DE CARVALHO

Propriedade da Gazeta das Aldeias (S. A. R. L.) * Redacção e Administração: Av. dos Aliados, 66 — PORTO
Telegramas: GAZETA DAS ALDEIAS — PORTO * Telefones: 25651 e 25652

Composto e impresso no TIPOGRAFIA MENDONÇA (Propriedade da GAZETA DAS ALDEIAS)
Rua Jorge Viterbo Ferreira, 12-2.º — PORTO

Pasteur e a Enologia

ENCERROU-SE há poucos dias em Bordeus o Simpósio Internacional de Enologia comemorativo dos estudos de Pasteur sobre o vinho, que decorreu com excepcional brilho.

Essa figura espantosa de sábio, um século decorrido, ainda se agiganta e mantém toda a actualidade.

Ao lançar, com os seus estudos sobre o vinho, as bases da enologia científica, marcou igualmente uma directriz fulgurante da aliança da técnica e da prática e do papel da Universidade na Agricultura.

Paradigma de probidade científica, génio multiforme, brilhando especialmente nas ciências biológicas, Pasteur e os seus métodos merecerão sempre a admiração que todos os povos cultos lhe consagram. Investigador genial nunca desdenhou estudar problemas de aplicação imediata e se a sua coroa de maior glória é a descoberta da vacina contra a raiva — esse mal terrível e apavorante — devem-lhe também benefícios bem grandes as indústrias agrícolas.

O estudo da fermentação alcoólica, a demonstração do papel das leveduras na transformação do mosto em vinho, a determinação dos produtos dessa fermentação, o estudo das doenças dos vinhos e seus tratamentos, da técnica de produção do vinagre, etc., etc., são outras tantas conquistas que à sua inteligência ficou devendo a indústria enológica.

Honra-se a Estação Agronómica e Enológica de Bordeus com a organização do Simpósio comemorativo, nele participando técnicos dos mais diversos países da Europa, da América e da Oceânia. Ao registarmos essa manifestação científica saudamos o seu actual director, Prof. J. Ribéreau-Gayon, lidimo continuador da obra pasteuriana.



A infância, "fulcro" duma necessária campanha de educação florestal

Por MAXIMINO ALVAREZ
Eng. Silvicultor

A Floresta, elo íntimo entre o solo e a atmosfera, cuja supressão acaba por tornar impossível a própria vida, sempre se mostrou generosa companheira do homem.

Apesar disso, esse bem natural, esse magnífico exemplo de sociedade harmoniosa, que, pujante e parecendo indestrutível, se estendia por quase todos os continentes, foi pelo homem perturbado no seu equilíbrio, foi por ele retalhado na sua continuidade, enfraquecido no seu potencial e reduzido na sua extensão.

Encarando a Floresta como um obstáculo ao pastoreio, à agricultura, às comunicações e ao povoamento, implacável e impensadamente, cegamente, pastores e agricultores, conquistadores e descobridores se empenharam, ao longo de milênios, numa desordenada e incontida devastação. Felizmente, as condições históricas determinantes dessa regressão aproximam-se do fim por toda a Terra e a Floresta reencontrará, no futuro, sob o «contrôle» da Ciência, o vigor e a grandeza inerentes à missão primordial que o mundo de amanhã lhe vai reservar.

Então, plenamente dignificada pelo valor de uso que comportará, a Floresta, não só fornecerá os numerosos produtos hoje portadores de apreciável valor de troca e outros que a indústria passará a reclamar, como proporcionará ao homem, sem restrições, todos aqueles benefícios,

não menos importantes, que vão desde a conservação do solo e regularização das águas à salubridade do meio ambiente e beleza da paisagem, tão necessários à existência humana.

Pugnar pela sua manutenção e melhorá-la, onde seja de persistir, e combater pelo seu estabelecimento, onde se imponha criá-la, constitui um dever dos povos em geral. Dever no interesse de todos, que, transpostas as barreiras actuais, superadas as contradições que os dividem, sinceramente, resolverão os problemas à escala internacional; dever, no interesse de cada um em particular, que, assim, concorrerá para o seu desenvolvimento integral.

Reconhecidos os laços indissolúveis que ligam a Silvicultura ao País, que nela se admite encontrar a única forma de valorização de cerca de três quintos do seu território, forçoso é concluir quanto convém dedicar à Floresta a maior atenção, no âmbito da grande ofensiva que a Nação desencadeará na batalha pelo Progresso.

Diversos são os meios a utilizar: muitos que urge desenvolver, quase todos que se impõe aperfeiçoar e outros, ainda, que terão de ser criados ou transformados radicalmente.

Contudo, por mais poderosos que forem os meios técnicos e materiais empregados, eles só se revelarão verdadei-

ramente eficientes, quando a campanha a empreender conte com a adesão consciente de toda a população, quando esta, chamada a contribuir directamente com o seu esforço ou a permitir o esforço do País para o crescimento florestal, sinta que a causa lhe respeita, que ela concorre positivamente para a concretização dos seus próprios anseios.

Para isso, duas premissas são de considerar:

1.^a Que os benefícios da Floresta aproveitem a todos;

2.^a Que esses benefícios sejam por todos bem compreendidos.

Se é admissível que esta última premissa encontre a sua satisfação natural com a verificação da primeira, todo o trabalho dispendido em seu favor reverter-se-á sempre do maior alcance e poderá vir a ser altamente recompensado.

Portanto, incuta-se na população o amor pela Floresta. Não um amor romântico, cego, perecível, mas um amor esclarecido, duradouro — resultado da compreensão do significado e do valor da mesma.

Esse amor pode incutir-se, directamente, pela participação no próprio fenómeno florestal, e, indirectamente, por todas as formas de expressão, através dos mais diversos meios de difusão e de cultura, neste e naquele local, nesta e naquela ocasião: pela palavra, escrita e falada, e pela imagem, através da imprensa, da rádio, da televisão, do cinema, do teatro, do livro, do folheto, do cartaz, do postal ilustrado, do dinheiro, do selo, das gravuras para colecção; nos edifícios de reunião, nos transportes colectivos, nos recintos desportivos, nas matas, nos campos, nos jardins, nas ruas, nas estradas. Pode incutir-se na infância, na adolescência, em todas as fases da vida.

Estude-se cada acção de per si, conceda-se prioridade às mais proveitosas e ponham-se em prática, com perseverança e entusiasmo, depois do Plano haver sido devidamente estabelecido. Essa será a «Campanha de Educação Flo-

restal», imprescindível à «Campanha de Desenvolvimento Florestal».

Mas onde localizar o «fulcro» da mesma? Na infância. E porquê?

Porque, tratando-se, essencialmente, de educação, de preparação das massas para as tarefas de amanhã, será, evidentemente, entre os novos que as acções a empreender se revelarão mais proficuas. Primeiro, porque a sua receptividade é maior; segundo, porque os novos são idealistas, entusiastas; terceiro, porque, afinal, deverão ser eles os grandes obreiros do mundo em que hão-de viver.

Voltemo-nos, pois decididamente, na cidade e no campo, para os homens do futuro: para os adolescentes das fábricas e das herdades, das oficinas e dos casais, dos escritórios, dos armazéns, das lojas, para os estudantes e, sobretudo, para a infância das escolas.

Viremo-nos para a Escola Primária! Mas, para isso, é preciso alterar os seus programas, os seus métodos de ensino, os seus hábitos. Decisão indispensável, repleta de dificuldades, de incompreensões. Choque de épocas diferentes, embate de conceitos opostos...

Mas como proceder de outro modo, como formar a criança para os tempos novos?

Hoje, não basta ensinar-lhe a ler e a contar e iniciá-la na escrita e no cálculo; hoje, não adianta pretender transmitir-lhe fragmentos de Geografia e História pátrias por processos e ângulos ultrapassados, como é inadmissível considerar-se de somenos importância a educação física e artística. Hoje, é imprescindível formar o ser humano, preparando, adaptando a criança à vida; hoje, impõe-se que ela conheça o passado e o presente como etapas do futuro, que, com humanismo e de acordo com o seu desenvolvimento natural, a façamos penetrar no conhecimento dos fenómenos que a rodeiam, da actividade do indivíduo, da sua actividade em múltiplos domínios. A escola não pode ser estranha à vida e à natureza, não pode ser um pequeno mundo à parte!

Para isso, o ensino primário, obrigatório e gratuito, não deverá dar-se por ter-

minado antes da puberdade, antes dos catorze anos, e os professores convenientemente habilitados para a sua elevada missão e possuidores das indispensáveis qualidades pedagógicas, terão de ser, acima de tudo, orientadores, como que companheiros mais velhos, com maior experiência. Quanto ao tempo escolar, deverá ser principalmente reservado para o contacto com o mundo exterior, fazendo sair a criança, com frequência e segundo plano previamente estabelecido e não por decisão de momento, das salas de aula, levando-a ao campo, à fábrica, à oficina, ao estúdio, ao laboratório e a outros locais de trabalho, ao museu, à exposição.

Deste modo, sem exclusivismo e com respeito pelas restantes actividades, despertar-se-á nela, não só pela relativa posição de relevo que ocupa no País ou pelos benefícios que proporciona, como pelo inigualável encanto que encerra, o amor pela Floresta — um amor fruto da convivência, do conhecimento.

Mas não fiquemos por aqui. Tornemos mais profundo ainda esse amor: torne-mo-lo produto da reflexão motivada pela experiência, oferecendo à criança a oportunidade duma participação activa, e, para tal, ocupemo-la em operações silvícolas consentâneas com a sua idade, quer em matas próximas, quer, sempre que possível, no bosque da própria escola, que os alunos criaram ou foram encarregados de conservar.

Decorar, o horrível «meter» na memória, é totalmente antipedagógico. Como sofremos ao pensar nos nossos filhos, como lamentamos todas as crianças condenadas a tamanha tortura! Repudiamo-lo, salvemos das suas garras a nossa infância, essa infância que queremos saudável e alegre, e que, desejosa de aprender, efectivamente o faça, para ser útil à sociedade.

A demonstração, mesmo ela, é insuficiente e até contraproducente, se manter a passividade da criança. Só a experimentação activa, em equipa, com o aproveitamento racional das capacidades individuais, respeitando-se a personalidade de cada uma, é realmente, defensável.

Este é o caminho que se afigura válido.

Debrucemo-nos, porém, ainda, antes de terminar, sobre uma manifestação, na qual a infância costuma desempenhar papel essencial.

Data dos fins do terceiro quartel do século XIX, de 1872, a celebração, nos Estados Unidos da América do Norte, em Nebraska, segundo se julga, da primeira festa da árvore («Arbor Day»), e, tempos houve, em que, igualmente, se comemorava entre nós.

Assim, quando já então era tradicional em muitas nações, realizou-se em Lisboa, em 20 de Dezembro de 1907, a nossa primeira «Festa da árvore», no decurso da qual, as crianças das escolas plantaram, com grande solenidade, trinta e oito árvores na rua Alexandre Herculano. Promovidas pela Liga Nacional de Instrução, auxiliada por diversas entidades, nomeadamente o jornal «O Século», que, por intermédio de «O Século Agrícola», resolveu, em 1912, estendê-las a todas as freguesias de Portugal, outras jornadas como esta tiveram ainda lugar, nos anos subsequentes.

Independentemente das decisões mais profundas que urge tomar, revivamos, quanto antes, esse acto. Revivamo-lo à luz do tempo presente, dinamizando a sua acção, ampliando os seus objectivos.

Outrora, era a festa da árvore; a partir de agora, que se estenda à própria Floresta. Ontem, plantaram as crianças das escolas dezenas, centenas, milhares de árvores. Hoje, que a infância e a juventude escolar arborizem dezenas, centenas de hectares do solo português; amanhã, que ampliem por milhares de hectares a sua Floresta, que tratem e explorem outros tantos e que compreendam e amem os pujantes maciços, que, de novo, cobrirão, seguros para sempre, e sempre generosos, mais de metade deste extremo da Ibéria!

E juntos, como já os inscreveu, numa mesma página, José Cerqueira de Vasconcelos, como ressoarão, então, mais certos do que nunca esses dois admiráveis versos, que Camões e Tomaz Ribeiro nos deixaram:

«Esta é a ditosa Pátria minha amada»

«Jardim da Europa à beira mar plantado»

Excursões do

Curso de Engenheiro Silvicultor

Pelo Prof. C. M. BAETA NEVES
Eng. Silvicultor

I

NÃO tem novidade nenhuma a afirmação de que os nossos cursos superiores são demasiado teóricos, nomeadamente os técnicos, em relação ao melhor esquema de ensino universitário.

Este e outros males, que tanto agravam os defeitos de tal ensino, têm sido revelados ultimamente tanto por Professores como por Alunos, todos desejosos de verem surgir uma reforma que dê satisfação aos seus muitos legítimos e louváveis anseios de actualização da Universidade portuguesa. E entre esses Professores me coloco eu, pronto como tenho estado sempre para me bater por esse ideal, correndo os riscos inerentes que as circunstâncias tão despropositadamente têm imposto, oferecendo-me para esforços de que muitos suspeitam e raros apoiam, secundam e ajudam, e teimando sempre na necessidade e urgência de tal reforma, nomeadamente em relação ao Curso Superior Florestal.

E porque as possibilidades de actuação imediata são modestísimas, pouco mais tenho conseguido fazer em relação a este último que não tenham sido algumas excursões, para desta forma conseguir corrigir um pouco tão grave e manifesto defeito.

É possível que os protestos e apelos venham a ter, mais cedo do que se possa pensar, o eco desejado, ouvidos como já foram nos mais altos níveis da Administração Pública.

Os indícios são favoráveis, mas os obstáculos ainda são de volume e grandeza suficiente para justificar a insistência na campanha a que me tenho devotado e que só agora começa a ser compreendida no seu verdadeiro sentido nacional.

A «Semana Florestal», a que o último número da *Gazeta* fez referência, prestou nesse sentido uma preciosa colaboração, e é para melhor a aproveitar que tomo o assunto das excursões realizadas por minha iniciativa este ano lectivo como tema deste artigo e do seguinte.

O seu objectivo principal é chamar mais uma vez a atenção das famílias, e dos próprios filhos em idade de terem de escolher uma profissão, para o interesse e beleza do Curso de Engenheiro Silvicultor, características que as excursões fazem realçar no máximo do seu valor, e representam a melhor arma que pode ser utilizada nesta luta para aumentar a frequência de um curso, cuja projecção no futuro do País irá suplantar em muito quanto até agora lhe tenha sido



Assistindo aos trabalhos para a construção de uma estrada florestal (S.ra da Vitória - Marinha Grande)

reconhecido pelos raros que sabem da sua existência e da sua utilidade pública.

* * *

Em pleno mês de Fevereiro, quando o frio e a chuva fustigavam o País de lés a lés, às 20 horas do dia 10, partiu a excursão da cadeira de Aquicultura e Cinegética a caminho do Norte.

Apesar da lei não permitir a excursão em pleno funcionamento de aulas, a verdade é que, por despacho ministerial, elas têm sido consentidas desde que, a partir do ano lectivo de 1960-61, eu pela primeira vez organizei na mesma época uma excursão idêntica.

A intenção principal foi e é a de visitar a Estação Aquícola do Rio Ave, em Vila do Conde, e a de assistir ao funcionamento de um Posto Aquícola (Marão) na altura da sua maior actividade. No entanto aproveita-se a oportunidade para, à ida e à vinda, mostrar aos alunos a maior parte das modalidades de actividade profissional que podem caber a um Engenheiro Silvicultor.

Na manhã do dia 11, depois de termos dormido na casa que os Serviços Florestais puseram à nossa disposição na Mata de Leiria (Parque do Engenho), iniciou-se a visita às

instalações de serração e secagem de madeiras ali existentes (Pedreanes) e à mata própria dita. Eu tenho que esta primeira excursão não pode deixar de começar pelo Pinhal do Rei, ao qual estão ligadas as mais velhas e dignas tradições da profissão. E não é o espírito romântico do Rei D. Diniz e o papel que desempenhou na evolução do seu pinhal, que o justifica, mas sim, e acima de tudo, a recordação de Bernardino Barros Gomes, ali assinada pela obra feita e pelo monumento que a consagra.

O exemplo actual do dinamismo da sua administração, o interesse dos trabalhos profissionais ali em curso, e a própria natureza especial do exemplo que a mata representa, tudo se conjuga para impor a sua visita como indispensável para servir de apresentação do ambiente profissional.

Visitada a Serra da Boa-Viagem no mesmo dia, embora muito de passagem, e recordada ali a dedicação inextinguível do Regente Florestal Rei à «causa florestal», a excursão demorou-se nas instalações de tratamento de madeiras que a SOPREM possui na Pampilhosa, à frente das quais está um Engenheiro Silvicultor, cuja posição e competência podem ser apresentadas aos alunos como um exemplo de



Na serração da Mata de Leiria (Pedreanes)

sucesso da vida profissional feita fora do Estado.

Ouvida uma clara e breve explicação da actividade industrial própria e feita a demonstração prática a propósito, a marcha continuou, sempre para Norte, a caminho de Vila do Conde.

Na Estação Aquícola, no dia seguinte, os alunos tiveram oportunidade não só de visitar a própria Estação, como de assistir a uma demonstração de pesca eléctrica e de ouvir as exposições feitas por Engenheiros Silvicultores que se dedicam aos diversos campos de actividade profissional ligados à Aquicultura.

Utilíssima como foi tal visita, ela só por si já justificaria a excursão, satisfeita como ficou logo ali uma das suas finalidades principais, mas a marcha continuou para o Gerês, onde, além de aspectos ainda ligados à Aquicultura, à Cinegética e à Protecção da Natureza, outros, que lhe são particulares, do maior interesse profissional, obrigam à sua visita.

Foi então possível mostrar *in loco* o raro valor daquela serra como a única área da metrópole onde ainda é possível montar um Parque Nacional, e chamar a atenção para o erro que se cometeria em lhe dar outro qualquer destino, ou em orientar a sua administração de forma diferente à que corresponde a essa modalidade de protecção de uma qualquer área com um excepcional interesse científico como aquela.

Já de regresso assistiu-se no Posto Aquícola do Marão à fecundação artificial das trutas e ao funcionamento de cabos aéreos para extracção de produtos, não sendo possível, por falta de tempo, tirar maior partido da rápida passagem pela serra, tanto mais que a visita à nova fábrica da TOBOPAN também estava englobada no programa.

Verificada assim a íntima relação entre a Exploração florestal e a Indústria e a necessidade do seu enquadramento num plano nacional de política de fomento, seguimos para a Serra da Estrela, onde um outro Posto Aquícola e o Laboratório de Pastagens nos obrigavam a passar, além dos muitos atractivos que a Serra possui, nomeadamente a neve naquela época do ano.

Vividos os aspectos profissionais que

tão exuberantemente oferece, tirado todo o partido pedagógico da visita, passamos a Arganil, para, embora também de passagem, os alunos poderem apreciar a notável obra que os Serviços Florestais ali têm vindo a realizar, em especial nos seus aspectos sociais.

E assim, para melhor compreensão do seu valor e do mérito da orientação seguida pela Administração local, visita-



No Bussaco, junto a um belo exemplar de *Cupressus lusitanica*

ram-se duas aldeias, como exemplos de povoações a que as estradas florestais foram dar nova vida, arrancando-as do exílio em que durante tanto tempo se mantiveram.

Apreciados alguns problemas silvo-pastoris da exploração do perímetro, em relação aos quais é igualmente um exemplo notável, a etapa seguinte levou-nos até ao Bussaco, cuja apresentação representou para alguns uma novidade sensacional.

Colhidos os ensinamentos e vividos os deliciosos momentos que a rápida estadia em tão afamada mata nos proporcionou

(Conclui na pág. 538)

A fruticultura está na ordem do dia

IV—Pomares e abelhas

Por DUÍLIO MARQUES
Eng. Agrônomo

O pomar que sonhamos, neste sonho que há-de ser de olho bem aberto, a misturar-se com a realidade, sem perder o vínculo de sonho, para ser grande; o pomar de hoje e de amanhã, esmerado e escorreito de maselas; o cofre em que resguardaremos orientação, canseiras e sacrifícios, será uma base de produção que só compreendemos com alta produtividade. E por isso o construímos de baixo de sólida orientação técnica.

Esse pomar, que em cada folha será de uma única espécie, terá «só o número de variedades exigido pela eficiente polinização», como, ainda recentemente referia o Professor Joaquim Vieira Natividade.

Vincava o querido Mestre, os cuidados de polinização, destacando-os entre tantos outros que o pomar não dispensa e que a sua palavra de ordem, fluente e precisa, nos aponta, trazendo sempre um novo encanto, dando sempre um novo incitamento.

A fecundação, necessária ao aparecimento de cada ser, salvo algumas reduzidas exceções a confirmar a regra, processa-se nas flores, pela passagem do pólen do elemento masculino—o estame—para o feminino—o carpelo. E por muito que o «mistério» seja complicado, não interessa aqui passar além desta aparente simplicidade...

Uma vez que nas fruteiras, como em

muitas outras plantas, o pólen fecundando pistilos dentro de uma mesma variedade, produz exíguo número de novos «frutos», é necessário incorporar na plantação da variedade base, uns 10% de outra que sirva como polinizadora; tem desta forma, que passar dos estames da variedade polinizadora para os carpelos da variedade principal. Este é um caminho difícil de percorrer, em que a grande maioria da-quele pó, maravilhosamente fecundante, se perde. Daí a necessidade de produção de abundante pólen. Dois agentes permitem a viagem: o vento e os insectos; e entre estes, sem qualquer espécie de dúvidas, em primeiro lugar as abelhas, que na sua faina incessante, de flor em flor, para colheita dos nectares ou de pólen, transportam inconscientemente nos numerosos pêlos que lhes recobrem o débil corpo, o pó que será vida de outras vidas.

Daqui, a necessidade da existência de abundantes colmeias nos pomares, pelo menos durante a floração.

Esta presença, vem-se verificando desde recuada data e determina aumentos de produção, a todos os títulos notável. Experiências que já não são recentes, foram levadas a efeito em vários pomares, consistindo na comparação das produções entre árvores isoladas por rede e outras a que os insectos têm livre acesso. Num ensaio em cerejeiras, a produção duma

dessas árvores isolada foi de 2 kg, enquanto noutra visitada por insectos, especialmente abelhas ascendeu a 22 kg!

Embora tal aumento não possa ser atribuído apenas às abelhas, deve afirmar-se que estas tiveram no facto a maior soma de responsabilidades. Realmente, noutro caso, de um pomar também de cerejeiras, onde todos os insectos, indiscriminadamente podiam chegar, a produção era apenas de 17 toneladas, mas passou a 49 pela introdução de 16 colónias de abelhas (Quartin Graça in Noções de Apicultura).

Dentro de uma apicultura evoluída, as colmeias deslocam-se de sítio para sítio, acompanhando o escalonamento das florações e assim se obtém uma maior possibilidade de produção de mel.

Chegará o tempo em que, também entre nós, os agricultores que não sabem de apicultura, e são a grande maioria, irão pedir aos apicultores que lhes emprestem as suas colónias para essa época basilar na produção da fruta, ou talvez mesmo, que lhas aluguem por bom preço; a menos que se disponham, no seu interesse, a aprender apicultura, única forma de poderem possuir colmeias móveis em conveniente estado de vida e assim de produção.

Só pelo mel que produzam, quando bem cuidadas, as abelhas pagam com fortes juros o capital investimento, trabalho, saber e cuidados que, sem qualquer dúvida, exigem. Se a este rendimento juntarmos o outro, muito maior, embora menos conhecido e considerado, do aumento de produção de fruta e já nem falamos noutras produções especializadas de mestras e geleia real, podemos verificar o valor das abelhas, o carinho que nos devem merecer e o interesse que temos em não continuarmos a ignorá-las de forma generalizada.

Especialmente os pomicultores, os verdadeiros, aqueles que estão com os pés bem firmes na terra e a cabeça raciocinando em termos actuais, técnica e economicamente, não podem esquecer as abelhas, junto e ao mesmo nível de um são critério de escolha da terra e sua preparação, das espécies e variedades, das regas, das adubações, das podas, dos tra-

tamentos fitossanitários, da colheita e da comercialização.

Esse critério, obriga-os, da mesma forma, a não tentarem aparentes facilidades.

Os nossos conceitos, por vezes demasiado simplistas, o nosso comodismo, leva-nos muitas vezes, a optar pelas soluções que nos dão menos trabalho.

É tão fácil comprar um cortiço cheio de abelhas, colocá-lo numa das extremidades do pomar e não pensar mais no assunto, que frequentemente seguimos este caminho despreocupado.

Esquecemo-nos, no entanto, que nos, cortiços, a terrível praga chamada traça, se desenvolve à vontade, sem termos verdadeira forma de a combater e tanto mais quanto o enxame é débil; e que, com o aparecimento da traça e da formiga, mais o enxame se diminui até que desaparece.

É claro que, sem tomarmos já em consideração a baixíssima produção de mel e a sua má qualidade, vemos reduzida a acção polinizadora, por uma colónia que dispõe, desde o início ou a breve trecho, de uma escassa população de abelhas na colheita de nectares e pólen que são as que realizam as fecundações.

A colmeia móvel dá mais trabalho, é mais cara, obriga a estudo, que o suficiente conhecimento da ciência agrícola, é imprescindível ao seu manejo.

Este conhecimento, entretanto, não é transcendente, ao nível da produção de mel e da conservação das colmeias bem povoadas e em conveniente estado sanitário.

Resta que nos disponhamos a aceitar a colmeia, como única forma de mantermos nos nossos pomares as abelhas necessárias à polinização.

Todo o lavrador português tem inúmeras vantagens em assinar a *Gazeta das Aldeias*. Aconselhe-a aos seus amigos, a quem ela possa interessar.

VINHOS DA ESTREMADURA

Por PEDRO NÚNCIO BRAVO
Eng. Agrónomo

Região:— grosseiramente, pode dizer-se que é formada pelos distritos de Lisboa, Leiria, Santarém e Setúbal.

Dentro desta região temos a considerar algumas outras, de pequena área mas de grande importância pela alta qualidade e fama dos seus vinhos. Estão naquele caso, as afamadas regiões de Bucelas, Colares, Moscatel de Setúbal e Carcavelos. Encontra-se descrita no Decreto-Lei n.º 27 424, de 31 de Dezembro de 1936.

Em números redondos, calcula-se a área total das vinhas da «Estremadura», em 175 000 hectares.

Há, por toda a região, vinhas bem cuidadas plantadas em linhas e algumas de área bastante grande.

Características dos vinhos da Estremadura:— Sobre este assunto, veja-se o que nos diz o Decreto n.º 22 123.

Em resumo, podemos dizer que os vinhos tintos têm bastante cor, corpo, tanino e álcool.

Os vinhos brancos são suaves, alcoólicos, aromáticos e de agradável paladar.

É de salientar que mesmo as vinhas do campo, quando aí predominam as castas Arinto e Bastardo dão, correntemente, mostos que chegam a atingir, e a ultrapassar, os 290 gramas de glucose, por litro.

Solo:— Os terrenos desta região são, na maior parte dos casos, argilosos, argilo-calcáreos, argilo-arenosos ou, ainda, arenosos.

Nas proximidades de Lisboa, aparecem terrenos de origem basáltica.

Clima:— É influenciado pela proximidade do mar e do rio Tejo.

Cultivo:— Predomina a vinha baixa. O sistema de poda mais utilizada é a de «vara e talão» mas também está muito generalizada a de «galheiros».

Segundo o distinto Eng. Agrónomo António Augusto Antunes Júnior, «As produções por milheiro de cepas são muito variáveis, todavia, em vinha em plena produção pode atribuir-se-lhe o seguinte: charneca 1,5 a 2 pipas de 442 litros por milheiro; Bairros 2 a 3 pipas; Campos 4 a 6 pipas indo mesmo algumas vezes a 10».

Cavalos:— segundo o distinto Eng. Agr. António Antunes Júnior, há ainda, nesta região, videiras de «pé franco».

Segundo aquele mesmo autor, têm dado bom resultado, os cavalos:

Berlandieri × Rupestris R 99

Berlandieri × Rupestris R 110

Berlandieri × Ripária 420-A

Ripária × Rupestris 3309.

Castas de videiras mais espalhadas nesta região:— entre outras, deveremos salientar as seguintes:

Castas tintas:— Trincadeira, Bastardo, Bastardinho, Tintureiro, Castelão Francês, Mortágua, Preto Martinho, João de Santarém, Tinta Miúda, Tinta Mole, Mureto e Mourisco.

Há vinicultores que pretendem reforçar a matéria corante dos seus vinhos, e, para esse fim, recorrem ao Alicante Bouschet e à Grand Noir de la Calmet, que são castas de fracos méritos, mas dão bastante «cor», ou «tinta».

Castas brancas: — Boais, Fernão Pires, Tália, Trincadeira Branca, D. Branca, Moscatel de Jesus, Diagalves, Malvasia, Rabo de Ovelha, Arinto, Galego Dourado, Jampal e Tália.

As castas Boal e Alicante são, nesta região, muito atreitas a contrair o mildio.

A casta Fernão Pires é muito boa mas muito sujeita a contrair o oídio.

São nesta região sinónimas as designações:

Tália = Branquinha

Mortágua = Castelão Nacional

Periquita = João Santarém.

Fabrico do vinho

Vindima: — Não tem qualquer técnica especial, que mereça referência.

Os cachos são vindimados para cestos, donde passam para dornas que depois são transportados em carros de bois, camionetes ou em atrelados a tractores agrícolas.

Fabrico: — Os vinhos tintos são feitos com curtimenta ou sem desengace.

As desinfecções com sulfuroso, e as correcções da acidez, encontram-se muito generalizadas.

Os mostos são fermentados em lagares, ânforas argelinas ou em auto-vinificadores D. I.

As sulfurações são feitas com anidrido sulfuroso líquido, com soluções sulfurosas, ou ainda, com metabissulfito de potássio.

Os mostos são geralmente muito ricos em açúcar, não só quando provenientes de cachos de vinhas dos arneiros e das chamecas, como ainda quando provenientes de vinhas das margens do Tejo.

O desengace é uma prática a que bastantes vinicultores recorrem, como medida preventiva contra as temperaturas elevadas de fermentação.

Os vinhos palhetes são, no geral, «fabricados» com um lote de castas brancas e tintas, em proporções convenientes. A fermentação é feita com curtimenta.

Os vinhos brancos são, correntemente, feitos de «bica-aberta», com «defecação».

Vinho de Torres Vedras

Esta região fica no Ribatejo, próximo do Mar, entre Alcobaça, Cartaxo, Bucelas e Colares.

O vinho desta «sub-região» é muito apreciado.

É um bom vinho de pasto.

Castas: — As mais espalhadas, nesta região, são as seguintes:

Castas tintas: — Bastardo, Mortágua, João Santarém, Preto Martinho, Tinta Miuda e Parreira Matias.

Castas brancas: — Arinto, Rabo de Ovelha, Jampal, Boais e Fernão Pires.

Fabrico: — Nesta região há, no geral, acentuada tendência para vindimar demasiado tarde.

As sulfurações são correntemente usadas mas, muitas vezes em doses baixas, ou até deficientes.

A prática da correcção ácida, dos mostos, encontra-se aqui bastante generalizada.

Há um pouco a tendência de se fazerem poucos recalques.

A «encuba» é, no geral, feita quando o «vinho-mosto» acusa a densidade de 10.10 a 10.15.

* * *

Vinho licoroso

Este vinho tem a designação oficial de «vinho da Estremadura».

É preparado na Chamusca, Almeirim, Alpiarça e Cartaxo.

Castas: — Predominam as seguintes:

Boais, Fernão Pires, Trincadeira, Bastardo e Moscatéis.

Fabrico: — Fabricam-se vinhos brancos e tintos.

(Conclui na pág. 542)

A empresa familiar na Agricultura Americana

Por G. SANTA RITTA
Eng. Agrônomo

ACABO de ler uma tradução em língua espanhola do livro de Rainer Schickele *Agricultural Policy Farm Programs and Nacional Welfare*. A primeira edição em inglês data de 1954, mas a tradução, a que foi dado o título de *Tratado de Política Económica*, é de 1962.

O livro tem o maior interesse para o conhecimento dos problemas da agricultura dos Estados Unidos e para a realização dos indispensáveis estudos de **agricultura comparada**, destinados a fazer o cotejo de problemas e realizações e procurar obter através do conhecimento das realidades agro-sociais nas diversas partes do mundo, soluções para muitos dos problemas particulares de cada nação.

Um dos capítulos dignos de maior atenção, e de que procuraremos hoje fazer uma breve síntese é o que diz respeito à exploração familiar, «meta da política sobre a posse da terra».

É sabido que a empresa familiar, cujas vantagens sob o aspecto técnico e social não podem oferecer dúvidas, sofre, do ponto de vista político, vigorosos ataques por parte, quer dos doutrinadores comunistas, quer dos partidários de um capitalismo agrário defensor de uma agricultura extensiva exercida em grandes explorações. E sucede que estes, muitas vezes por desconhecimento das realidades, apresentam os Estados Unidos como exemplo de um país em que o progresso técnico da agricultura não se compadece com a

exploração familiar. Embora só os aspectos sociais e técnicos nos interessem aqui, é necessário um esclarecimento completo sobre esta matéria, para evitar quaisquer dúvidas.

A questão da posse, ou da fruição da terra, diz, Schickele relaciona-se primordialmente com o aspecto distributivo do bem-estar das pessoas que vivem da agricultura. Embora sejam inquestionáveis os efeitos de algumas formas de fruição sobre o uso e conservação da terra e sobre a produção em geral, são os direitos de propriedade e as responsabilidades do agricultor as características fundamentais das relações de fruição. Por consequência a política sobre fruição diz respeito às condições em que as pessoas deverão possuir, trabalhar e viver da terra. Seja qual for o tipo de agricultura, a estrutura da fruição governa a maneira como se distribuem as oportunidades económicas, as responsabilidades administrativas e os rendimentos da agricultura.

Definidos estes pontos preliminares, e em relação à função da exploração familiar, fica bem assente que «a meta fundamental da política dos Estados Unidos sobre a posse da terra sempre tem sido a propriedade de dimensão familiar». Desde a época de Jefferson até agora, o ideal de que as terras sejam possuídas e trabalhadas por famílias agrícolas independentes e prósperas tem sido predo-

minante nas preferências do povo e encontrado expressão numa série constante de programas sobre colonização e posse. Este ideal, acrescenta-se, têm-se mantido sem perder o seu vigor, apesar das críticas de industriais, banqueiros, grandes proprietários rurais e de certos economistas. As explorações familiares têm grande vitalidade; e essa vitalidade, apesar do seu fracasso ter sido anunciado desde o princípio do Século, não tem diminuído. Quando Thomas Campbell organizou, por volta de 1925, a sua «fábrica de trigo» muita gente pensou que o sistema fabril eliminaria das Grandes Planícies e de outras regiões agrícolas importantes as empresas familiares; mas até agora, mais de um quarto de século depois, a produção de trigo nas grandes planícies está ainda nas mãos de agricultores do tipo familiar. Visto que nem a grande depressão da década de 1930, nem o período de guerra derrotaram a exploração familiar como produtora de colheitas facilmente mecanizáveis, esta tem demonstrado a sua grande adaptabilidade a condições económicas variáveis e a rápidas modificações tecnológicas.

Repare-se como é posto acima do aspecto agrário do uso da terra, a feição sócio-jurídica da sua *Utilização*. E no entanto, o Contigente Americano conhece bem os efeitos devastadores que um deficiente aproveitamento, determinado pelas forças delapiladoras de um capitalismo agrário anti-social, pode provocar. Mas os malefícios resultantes para o uso e conservação do solo, de determinadas estruturas, não são consideradas tão importantes como as consequências sociais dessas mesmas estruturas.

As principais vantagens da agricultura familiar podem esquematizar-se da seguinte maneira:

a) Um agricultor de tipo familiar é um *proprietário autónomo*, que não está sujeito a que um patrão o despeça. Do total dos trabalhadores americanos, só um em cada cinco é autónomo e quase dois terços do grupo são agricultores. As explorações agrícolas familiares constituem o maior sector da economia em que o trabalho e a administração não se encontram separados, evitando-se muitos conflitos

e antagonismos que amiúde se verificam nas relações entre patrões e trabalhadores.

b) As famílias de cultivadores directos constituem, na moderna civilização ocidental, a maior reserva de artesanato. Embora as técnicas de produção em massa na indústria destruam muitas das *relações éticas entre o indivíduo e o seu trabalho*, a agricultura familiar, juntamente com algumas formas de artesanato, constitui um tipo de ocupação em que o engenho e a habilidade manual são cultivados no seu sentido mais amplo. As virtudes sociais, morais, psicológicas desta forma de actividade são amplamente salientadas por Schickele, que esclarece: a divisão do trabalho não pode levar-se muito longe na agricultura familiar, *o que é uma desvantagem para a eficiência na produção; mas é uma vantagem indispensável para o desenvolvimento da personalidade e do significado que o trabalho tem para o trabalhador.*

Esta observação é bastante significativa e deve ser amplamente meditada pelos partidários do capitalismo fundiário, que julgam basear-se a economia agrícola americana na divisão do trabalho e nas vantagens de dimensão da empresa. Está claro que o tamanho médio das explorações agrícolas varia bastante de região para região, e a empresa familiar americana tem uma área superior à sua congénere de muitas regiões europeias; a mecanização também é, em muitos casos, mais intensa e a relação capital fundiário capital de exploração bastante diferente. Mas diferentes são também o condicionalismo da produção, as combinações culturais, e a natureza dos mercados consumidores. Nem por isso a exploração americana de determinado tipo deixará de considerar-se como familiar.

c) A família agricultora está mais próxima das fontes de *onde emana a vida*. A sua preocupação está nas plantas e animais que vão crescendo, em vez de se concentrar nas margens de preços, ou nas datas de pagamento, ou na eliminação dos concorrentes.

Note-se que este aspecto é um dos que merecem maior atenção, na Europa, aos estudiosos da doutrina social católica. Os textos pontifícios, designadamente as

Encíclicas e Mensagens de Pio XII e João XXIII contém inúmeras e formosíssimas referências a este contacto perene do agricultor com as forças da natureza.

Definidos estes pontos, convém encontrar um critério que permita definir a empresa familiar. O critério de Ackerman e Harris é o seguinte:

1.º) Que a família agrícola exerça funções de empresário.

2.º) Que a família proporcione a mão-de-obra necessária, com a utilização de trabalhadores estranhos durante as épocas de maior actividade ou em períodos de transição e desenvolvimento da família.

3.º) Que a exploração seja suficientemente em termos de terra, capital, tecnologia e outros recursos, para aproveitar eficientemente a mão-de-obra da família.

Schickele não aceita inteiramente este critério, e propõe um outro, que nos parece, efectivamente melhor. Segundo ele deverão verificar-se as seguintes condições:

a) *Liberdade administrativa*, que é necessária para que o agricultor exerça as suas faculdades de empresário e expanda as suas aptidões de organização.

b) *Dependência do trabalho do agricultor e de sua família* para uma parte considerável das necessidades de mão-de-obra, não havendo separação precisa entre mão-de-obra e administração.

c) *Quantidade suficiente de terra e bem de capital*, para que a exploração possa proporcionar um rendimento suficiente, assegurando um nível de vida familiar aceitável.

Naturalmente, a dimensão da empresa tem importância para o rendimento proporcionado pela mesma; mas a *quantidade de recursos de que o agricultor dispõe deve ser expressa em unidades que representem a sua produtividade económica*, não bastando apenas a área da exploração. O valor total dos bens de produção (terras, edificações, maquinaria, gados, etc.) é a medida mais adequada

dos recursos de que deriva o rendimento da família.

Aos preços de 1950, um rendimento líquido disponível para a manutenção da família da ordem dos 2 mil a 2 mil e quinhentos dólares anuais era considerado o mínimo indispensável para a manutenção de um nível de vida satisfatório. Seria menor no Sul, ou para famílias pequenas, e maior no Norte, ou para famílias muito numerosas.

Visto que este critério se baseia na suficiência do nível de vida da família rural, o capital do agricultor, nos bens que estão sob o seu domínio, é importante. Um parceiro que paga de quota de parceria metade da colheita, ou o seu valor em dinheiro, necessita de mais terra do que o proprietário livre de dívidas e compromissos e que recebe, além da retribuição correspondente ao seu trabalho e equipamento, a parte correspondente ao juro de terras e benfeitorias.

Existem poucos dados estatísticos relativos ao valor dos bens de produção de cada exploração agrícola em particular. É mais fácil obter um cálculo do produto bruto agrícola, avaliado a preços médios do mercado. O produto bruto duma exploração agrícola utiliza-se frequentemente como um índice aproximado do tamanho da exploração, das quantidades de terra e capital utilizados pela empresa agrícola; esta é uma medida da grandeza da exploração muito mais significativa do que a sua área.

Por último, tem interesse citar a dicotomia estabelecida entre os dois critérios ideológicos extremos, em relação ao sistema de fruição da terra, designados por «industrialista» e «agravista».

Segundo o conceito «industrialista», quanto menor for a proporção de mão-de-obra dedicada à agricultura (e a outras actividades primárias) melhor será para a nação. A produção agrícola deveria ser obtida com uma substancial redução de mão-de-obra, reduzindo-se ainda mais o número de explorações agrícolas e cedendo a empresa familiar o passo a explorações do tipo industrializado.

Para o critério «agravista», uma nação industrializada moderna necessita de conservar uma parte considerável da popula-

(Conclui na pág. 551)

Árvores e madeiras de Portugal

III—PLÁTANO

Por ALBINO DE CARVALHO
Engenheiro Silvicultor

O Plátano Comum ou Plátano de Londres [*Platanus hybrida* Brot.; *P. acerifolia* (Ait.) Willd.] não é, normalmente, considerado essência florestal. Entre nós, como aliás noutros países da Europa, cultiva-se, sobretudo, como planta ornamental, em parques, áreas e jardins, raramente constituindo pequenos núcleos ou bosquetes. Porém, tão divulgado se encontra por todo o território e produz madeira tão apreciada, que plenamente justifica a atenção que aqui se lhe dedica. Acredita-se, até, que poderá ter um interesse muito especial na arborização de certos terrenos.

Características botânicas

Pertencente à família das Platanáceas, a *P. hybrida* é a espécie mais frequente na Europa Ocidental e resultou do cruzamento natural, ocorrido em Inglaterra por volta de 1670, entre o Plátano do Oriente (*P. orientalis* L.), originário da bacia oriental do Mediterrâneo, e o Plátano do Ocidente (*P. occidentalis* L.), espontâneo no Sudeste da América do Norte. Trata-se, assim, de um híbrido fértil, de porte muito superior ao dos seus progenitores (1).

(1) Alguns autores não consideram o Plátano de Londres um híbrido, mas uma variedade: *P. orientalis* L. var. *acerifolia* Ait.

Atinge, de facto, 35 a 40 m de altura e mais de 1 m de diâmetro.

É uma árvore de tronco robusto e erecto, de copa abundante, sustentada por grossas pernadas, onde se inserem ramos mais ou menos patentes na parte superior da frança e pendentes nos andares inferiores. A ramificação principal verifica-se a pequena altura. A folhagem é densa e fornece uma sombra fresca e acolhedora. Por esta razão é preferida em parques e jardins.

O porte descrito corresponde à forma específica da árvore, isto é, aquela que naturalmente toma quando isolada. Em povoamento, o aspecto modifica-se pronunciadamente, como, de resto, acontece com quase todas as essências: A forma florestal do Plátano caracteriza-se por um tronco muito elevado, limpo de pernadas na maior parte da extensão, com reduzidíssimo número das mais possantes. O fuste é, assim, excepcionalmente esbelto, de muito fraca conicidade. Tais características definem uma espécie de eleição como produtora de madeira. A copa reduz-se consideravelmente, torna-se fugidia e pouco densa.

A casca é muito típica, de cor clara, anualmente renovada pela queda dos tecidos velhos, sob a forma de placas finas, de dimensões variáveis. O desprendimento das porções escuras, subjacente

às quais o ritidoma é mais claro, dão ao tronco do Plátano um aspecto marmoreado particular. A casca nunca é fissurada, nem rugosa; pelo contrário, é mais ou menos lisa, embora malhada.

As folhas, de um verde-glaucos muito agradável, são alternas, simples, trunca-



Álea de Plátanos com o porte característico das árvores isoladas

das ou cordiformes na base, com 12 a 25 cm de largura e profundamente recortadas, com 3 a 5 lobos, cujas sinuosidades podem atingir cerca de $\frac{1}{3}$ do limbo; os lobos são triangulares-ovados ou largamente triangulares. O peciolo é comprido, de 3 a 10 cm. A origem cruzada desta planta, justifica as variações frequentes na morfologia das folhas, nas dimensões, bem como no tamanho e no recorte dos lobos. A folhagem é caduca.

As flores estão reunidas em capítulos, geralmente 2 por pedúnculo, raramente 1 ou 3, com cerca de 2,5 cm de diâmetro. As inflorescências são globosas e aparecem ao mesmo tempo das folhas. O Plátano é uma planta monóica. Cada flor

tem 3-8 sépalas e pétalas e 3-8 estames e carpelos.

Os frutos, múltiplos de aquênios, são globosos e desarticulam-se na maturação, que ocorre, em geral, no Outono. Cada elemento é rodeado, na base, de pêlos e coroado por um estilete persistente. A disseminação dá-se no Inverno.

A raiz, é simultaneamente profunda e superficial; não emite rebentos. Contudo, pode explorar-se em talhadia.

Como dissemos, o Plátano de Londres é mais vigoroso e de crescimento mais rápido do que os seus progenitores. A natureza heterozigótica da espécie, revela-se, porém, não apenas na forma das folhas e no aspecto da casca, mas, principalmente, na inconstância da descendência de origem sexuada. Entretanto, a possibilidade que oferece de propagação por via vegetativa — por estaca, por rebentos de toixa, — permite conservar qualquer variação que se verifique.

O Plátano pode atingir elevada idade, não sendo raros exemplares com mais de 200 anos.

Ecologia e desenvolvimento

As exigências edafo-climáticas do Plátano Comum são idênticas às dos seus ascendentes, de certo modo análogas, por sua vez, às dos Choupous, com os quais, de resto, revela certas afinidades, nomeadamente quanto à rapidez de crescimento e à forma de propagação assexuada.

Os Plátanos são originários de regiões de clima do tipo mediterrânico, donde, portanto, a sua preferência pelas zonas meridionais. Quanto aos terrenos, tal como as *Populus* spp., são-lhe particularmente favoráveis os solos ricos, fundos e frescos, com abundante água. Entretanto, em especial a *P. hybrida*, tem notável plasticidade e alto poder de adaptação, desenvolvendo-se satisfatoriamente em todos os climas temperados e mesmo em solos muito pobres. Estas qualidades, juntamente com a facilidade com que se propaga vegetativamente, justificam a larga utilização que a espécie tem tido como árvore de alinhamentos. Contudo, em «estações» pouco favoráveis, o seu

crescimento retarda-se e, facto muito importante, a cicatrização das feridas de poda torna-se difícil e muito lenta.

Em Portugal, o Plátano vegeta com notável exuberância em quase todo o território, nos mais variados terrenos e climas; ao que parece, apenas receia a altitude. Assim, encontram-se belos exemplares em parques, jardins, arruamentos e estradas, no Algarve, nas próprias serras do Caldeirão e de Monchique, no Alentejo, no Centro do País, e, com maior predomínio no Norte, sobretudo nas terras baixas, nos vales e na meia encosta. Quanto aos solos, vive praticamente em todos, desde os de aluvião, arenosos e graníticos, aos argilosos, calcários e xistosos. Em terrenos secos, frescos e mesmo encharcados durante algum tempo, esta árvore desenvolve-se de forma notável, revelando uma capacidade de adaptação prodigiosa. É evidente que a intensidade de crescimento não se regista igual em todos os casos.

No Noroeste português, o Plátano é utilizado, muito frequentemente, com o Choupo e com o Lodão, como suporte de videiras de enforcado. Nesta região, a espécie, encontra, de facto, condições bastante favoráveis ao seu desenvolvimento e só assim se explica que possa resistir vitoriosamente às «arreias» brutais a que estão sujeitas as árvores empregadas nesta finalidade.

De uma maneira geral, o Plátano tem, entre nós, desenvolvimento rápido.

Tanto quanto se sabe, não há grandes parasitas do Plátano. Em França, cita-se como o mais grave, um fungo ascomiceta — *Onomonia veneta* —, que ataca as folhas e os ramos, ocasionando sintomas semelhantes aos das geadas. Raramente, porém, tal doença pode ocasionar a morte de plantas de viveiro.

Por motivos desconhecidos, nunca se encarou a utilização do Plátano como essência florestal propriamente dita, pelo menos no nosso País. Não existem, tanto quanto sabemos, motivos justificados para desabonar o seu emprego e menos ainda para legitimar certa aversão que, num ou noutro caso, parece existir, alegando-se que os pêlos dos seus frutos podem provocar alergias ou, pelo menos, incó-

modas irritações pituitárias. Repare-se que se assim fosse, seria um contra-senso empregar esta árvore em locais mais frequentados — parques, jardins e arruamentos. Ora, aqui, precisamente, é muito apreciada! O Plátano pertence ao grupo das árvores urbanas. Há que desfazer, portanto, a ideia infundada de que é uma planta desagradável e, pelo contrário, acarinhá-la como merece, pois trata-se de uma prestimosa essência, quer pelo notável poder de adaptação aos mais variados solos e climas, quer pelo rápido crescimento, pela facilidade de propagação e



Aspecto impressionante de um povoamento de Plátanos. Fustes muito elevados e quase cilíndricos

regeneração, quer pelo valor da madeira. Tendo folhagem abundante e caduca, promove a criação de uma manta morta espessa e fornece magnífico material para camas de gado.

Pelos motivos acima indicados, seria muito proveitoso experimentar a cultura

em maciço, no propósito de averiguar a sua aptidão florestal.

Como documento útil acerca da possibilidade de utilização do Plátano em povoamento, é interessante citar o seu comportamento na Mata do Choupal, onde, além de árvores isoladas, existe um núcleo soberbo que pode dar indicações preciosas: Constituído por árvores de porte impressionante e com cerca de 80 anos de idade, o diâmetro médio à altura do peito oscila entre 0,60 e 0,80 m; o tronco é altíssimo, ultrapassando os 50 m! Sem ter beneficiado de tratamento especial, as árvores são muito bem formadas, de porte quase cilíndrico, e com pouca ramificação. A copa é escassa e pouco densa. O estado sanitário é magnífico.

Esta breve informação, permite concluir que o Plátano tem condições para viver em maciço.

Se é certo que a Mata do Mondego reúne características muito particulares, a verdade é que o comportamento da espécie noutros terrenos e climas, levamos a admitir, sem exagerado optimismo, que o Plátano pode ter muito interesse como árvore florestal.

Nada se sabe de concreto quanto às suas possibilidades quando explorado em

talhadia. O pouco que temos visto, inclusivamente nas bárbaras «arreias» que, na maior parte das vezes, mais se assemelham a talhadias de cabeça, e a pronta e abundante rebentação que se lhes sucede, são indícios de que, ainda nesta forma de exploração, o Plátano será valioso.

Não temos elementos suficientes para avaliar o crescimento do Plátano entre nós. Contudo, sabe-se que ele se desenvolve bem e que atinge dimensões razoáveis em poucos anos. Sobre este assunto, é oportuno mencionar um apontamento registado em Alcobaça: Numa praça da vila, foram plantados, em 1945, cerca de uma dezena destas árvores. O local é fresco e o terreno deve ter boa fertilidade. Pois bem: A quase totalidade das árvores, apresenta um diâmetro médio à volta de 0,40 m, o que corresponde a cerca de 2 cm de crescimento diametral por ano! Tal significa que, nestas condições edafo-climáticas ou noutras semelhantes, ao fim de 18 a 20 anos, o Plátano pode dar madeira de construção. Ora isto é excepcional, sobretudo se tivermos em consideração que se trata de uma espécie produtora de madeira de primeira qualidade.

(Continua).

Excursões do Curso de Engenheiro Silvicultor

(Conclusão da pág. n.º 527)

nou, visitado ainda o viveiro da Mealhada, a excursão regressou à Capital, plena de entusiasmo profissional e mais rica em saber e experiência.

..

Não valerá a pena exaltar o interesse de tal arma pedagógica nem descrever as condições em que desta vez foi possível utilizá-la, tantas foram as boas vontades que houve de conjugar. Importa apenas insistir na necessidade não só de se repe-

tirem tais excursões ao longo do curso, embora mais limitadas no assunto e menos rápidas, mas também a vantagem de estadias demoradas no ambiente próprio da profissão, quer seja a mata, quer seja a indústria.

Só assim o ensino poderá atingir a objectividade que lhe é indispensável, sem o qual, por muito elevado que seja o nível teórico das matérias versadas nas aulas, não terá a natureza técnica, indispensável, sem prejuízo para a categoria universitária que possui.

O caminho não pode ser outro, assim nos permitam encontrá-lo de vez e segui-lo sem quaisquer obstáculos e dúvidas que demorem ainda mais os benefícios resultantes, de que a Nação está tão carecida.

Fotografias do Autor

VIDEIRAS PORTA-ENXERTOS

DESCRIÇÃO MORFOLÓGICA DAS VIDEIRAS PORTA-ENXERTOS

Por ALFREDO BAPTISTA
Eng. Agrônomo

(Continuação do n.º 2498 pág. 519)

1202

Mourvèdre × Rupestris Martin 1202

DE COUDERC

1 — Pâmpanos

Abrolhamento: verde, com reflexos acobreados, nitidamente tearaneos.

superiores e menos acentuadamente nos inferiores; costado-estriados, sobretudo nos entrenós superiores.

FOLHAS NOVAS

Coloração: verdes, com reflexos acobreados, nas folhas mais novas, tornando-se gradualmente verdes, com as



1202



1202

Estímulas: com cerca de 6 mm de comprimento.

Entrenós: avermelhados do lado da luz; nitidamente tearaneos nos entrenós

nervuras avermelhadas na página superior, nas folhas mais velhas.

Recorte principal: sub-trilobadas ou, mais raramente, trilobadas.

Recorte marginal: lobos nitidamente dentados.

Aurículas: afastadas, de bordos internos sub-paralelos, formando seio peciolar em U.

Limbo: miudamente bolhoso, com tendência a tornar-se sub-liso ou liso, com a página superior tearanea e a infe-



41-B

rior glabrescente, salvo a nervura principal mediana que se apresenta tearaneo-cotanhosa, nas folhas mais novas, tornando-se rapidamente glabro ou glabrescente em ambas as páginas, com excepção da nervura principal mediana na página inferior que se mantém ligeiramente tearanea, nas folhas mais velhas.

Peciolo: avermelhado, tearaneo-cotanhoso nas folhas mais novas e ligeiramente tearaneo nas mais velhas.

2— Folhas adultas

Dimensões e forma: pequenas, tão largas como compridas, orbiculares.

Recorte principal: geralmente sub-quinquelobadas e menos frequentemente trilobadas; folhas da base do pânpano frequentemente trilobadas ou, mais raramente, quinquelobadas.

Recorte marginal: lobos dentados, com os dentes quase tão largos como compridos; o lobo superior com o ápice sub-acuminado.

Mucrão: avermelhado, bem desenvolvido.

Aurículas: geralmente pouco afastadas, formando com frequência seio peciolar em lira ou, por vezes, em U, neste caso com os bordos internos sub-paralelos.

Limbo: espesso, com a margem ondulada ou frizada, um pouco dobrado em goteira pela nervura principal mediana, com a página superior verde-levemente-glaucosa, algo brilhante, glabra e a inferior mais clara, igualmente glabra; nervuras principais geralmente avermelhadas na página superior, menos frequente e levemente avermelhada na inferior, as laterais com os ápices geralmente divergentes da mediana.

Peciolo: avermelhado, glabro, com caneladura geralmente indistinta.

3— Sarmentos

Pardo-claros, nitidamente mais escuros e castanhos junto aos nós; entrenós de comprimento mediano ou curtos, geralmente de secção arredondada; nitidamente costado-estriados e com nitidas

costas grossas; lenticulas de tamanho variável, aproximadas; gomos grossos.

4 — Flores

Hermafroditas, frutificando com excepcional abundância.

5 — Porte da planta

Erecto.

41 B

Chasselas × Berlandieri 41 B

DE MILLARDET

1 — Pâmpanos

Abrolhamento: esbranquiçado e levemente rosado, densamente cotanilhoso.

Estípulas: com cerca de 3 mm de comprimento.

Entrenós: arroxeados do lado da luz, frequentemente longo das costas; tearaneos; nitidamente costado-estriados.

FOLHAS NOVAS

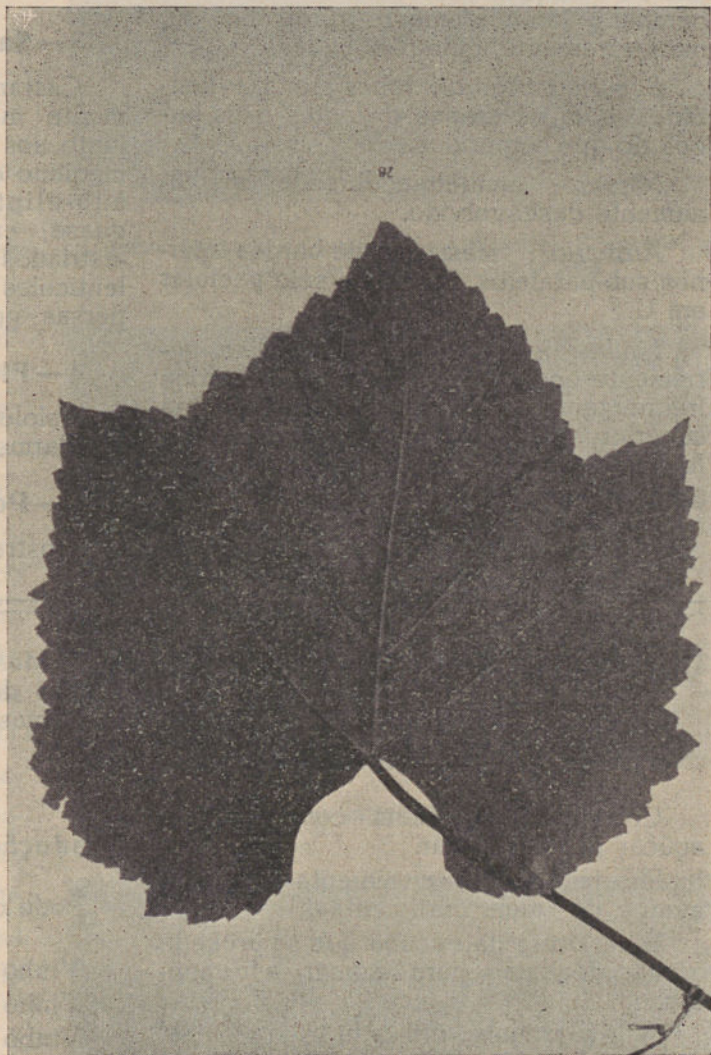
Coloração: brancas ou esbranquiçadas, com tons acobreados em ambas as páginas, nas folhas mais novas, tornando-se gradualmente verdes, com as nervuras esbranquiçadas, nas folhas mais velhas.

Recorte principal: trilobadas ou sub-trilobadas, raramente quinquelobadas.

Recorte marginal: lobos denticulados.

Aurículas: muito afastadas, nas folhas mais novas, tornando-se rapidamente menos afastadas, de bordos internos sub-paralelos e seio peciolar em U, nas folhas mais velhas.

Limbo: sub-liso ou um tanto bolhoso, de bordos revolutos, densamente cotanilhoso em ambas as páginas das folhas mais novas, tornando-se gradual e nitidamente tearaneo na página superior e simultaneamente tearaneo e pubescente na



41-B

inferior, com predomínio do aspecto pubescente, nas folhas mais velhas.

Peciolo: esverdeado, densamente cotanilhoso nas folhas mais novas e tearaneo-cotanilhoso ou tearaneo nas folhas mais velhas.

2 — Folhas adultas

Dimensões e forma: medianas ou grandes, mais compridas do que largas, sub-cuneiformes.

Recorte principal: geralmente sub-trilobadas e menos frequentemente trilobadas ou quinquelobadas; folhas da base do pânpano frequentemente trilobadas ou, mais raramente, quinquelobadas.

Recorte marginal: lobos crenado-dentados, com os crenos e dentes mais largos do que compridos.

Mucrão: amarelo-acobreado, medianamente desenvolvido.

Aurículas: afastadas, de bordos internos sub-paralelos, formando seio peciolar em U.

Limbo: espesso, sub-liso ou liso, geralmente ondulado em goteira, de bordos frequentemente revolutos, com a página superior verde ou verde-clara, algo-brilhante, tearanea e a inferior mais clara, glabrescente, salvo nas nervuras principais e secundárias que se mantêm nitidamente tearaneas; nervuras principais

esbranquiçadas ou verde-claro-amareladas.

Peciolo: geralmente verde-claro-amarelado ou, por vezes, levemente avermelhado; ligeiramente tearaneo ou, por vezes, nitidamente tearaneo, com flocos de pêlos; caneladura geralmente indistinta.

3 — Sarmentos

Castanho-claro-pardacentos, nitidamente mais escuros (castanho-escuros) junto aos nós; entrenós de comprimento mediano ou curtos, de secção elíptica ou sub-elíptica, com uma face plana ou quase; em regra nitidamente costado-estriados e com nitidas costas grossas; lenticulas pequenas, medianamente dispersas; gomos grossos.

4 — Flores

Fisiologicamente femininas frutificando regularmente.

5 — Porte da planta

Prostrado.

VINHOS DA ESTREMADURA

(Conclusão da pág. 531)

Correntemente ficam com bastante açúcar por desdobrar.

São feitos com «curtimento» ou, pelo menos, de «meia curtimento».

É na altura da encuba que se procede à aguardentação, para «amuar» a fermentação.

A aguardente utilizada é a vinica, de 77°.

A duração da «curtimento» depende do tipo de vinho que se pretende, principalmente da percentagem de açúcar que o vinho deve conservar.

Estes vinhos ficam com 19 a 21° de álcool e uns 4 gramas de açúcar, por litro, como mínimo.

São afamados os vinhos «Bastardinho»

e o «Moscatel». O primeiro é feito com cachos da casta Bastardo e o segundo com uvas Moscatéis.

* * *

Produção média

Pode calcular-se em:

Vinho branco — 442 000 HI

Vinho tinto — 1 587 000 HI

Vinho licoroso — 80 000 HI

Legislação: — Entre outros, podem ler-se os Decretos n.ºs 21 702 e 23 609.

Vinhos adamados

Fazem-se em vários pontos desta região mas os mais afamados são os de Almeirim.

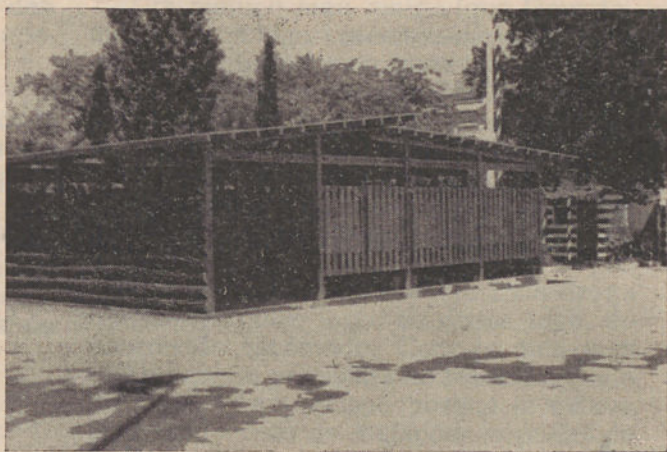
Ainda a "SEMANA FLORESTAL"

No último número desta revista o nosso prezado colaborador Sr. Prof. C. M. Baeta Neves deu-nos a conhecer o que foi a Semana Florestal, mostrando-nos claramente a importância de que se revestiu esta jornada de estudo, discussão e divulgação dos assuntos profissionais de maior acuidade no momento.

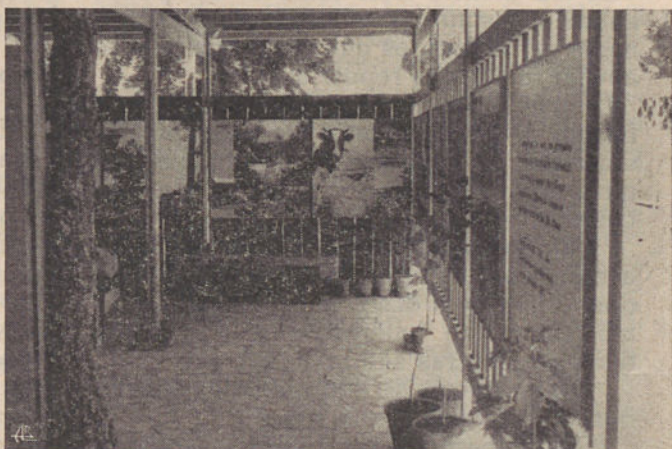
Por absoluta falta de espaço foi-nos impossível apresentar então as fotografias do «Pavilhão da Actividade Florestal», na Feira Internacional de Lisboa de 1963, o que hoje fazemos, dado o interesse manifesto que teve ao mostrar obras florestais portuguesas e sua evolução técnica, evidenciando a necessidade imperiosa da maior frequência do Curso de Engenheiro Silvicultor.

Fotos do Prof. C. M. Baeta Neves

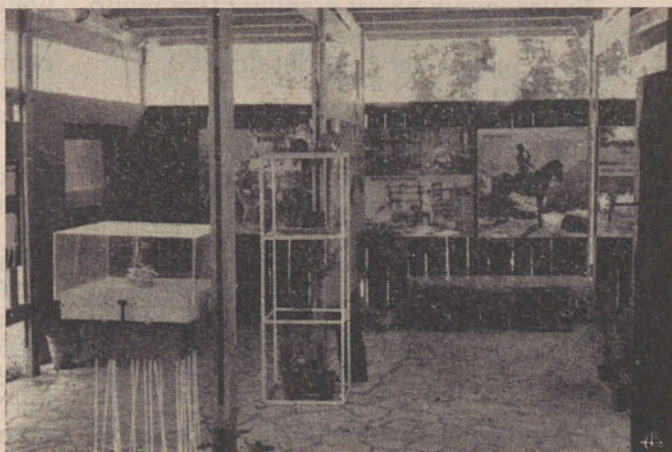
Outro aspecto interior



Aspecto exterior do pavilhão «Actividade Florestal», na Feira Internacional de Lisboa de 1963



Aspecto interior do pavilhão



Ajudai-nos! Protegei-nos! Salvai-nos!

Por LUÍS BIVAR
Eng. Agrónomo

AQUI há tempos assisti a uma conferência onde se focou a agricultura do Norte. E, enquanto a ouvia, veio-me à ideia falar também um pouco sobre o assunto; mas desde já peço aos meus caros leitores que me desculpem se abusar muito das repetições.

É que têm mesmo de ser assim. Quando há um doente em casa, fazemos lembrar um disco de gramofone que se puzesse a girar automaticamente logo que aparecessem visitas.

Ora, conforme disse aqui há uns anos, a nossa agricultura é uma doente, e que doente! A bem dizer, ela é um autêntico mostruário de enfermidades. Umas são benignas; outras são malignas.

Umas atacam só determinados órgãos; outras atacam o corpo todo.

Umas aparecem e mantêm-se isoladas; outras, pelo contrário, podem trazer complicações, tal e qual como acontece com um vulgaríssimo sarampo mal tratado.

Enfim, quem puder e souber tem muito pano para mangas se quiser abordá-las todas e analisá-las com detalhe.

Tal não farei.

Procurarei simplesmente, dentro das minhas modestas possibilidades, dar um pouco de apoio moral aos agricultores do Norte, falando-lhes da nossa querida doentinha.

Examinarei apenas alguns dos seus males; e, caso o saiba, direi como eles se podem tratar ou como se deve tentar combatê-los, indicando os remédios adequados e... a quem se deve recorrer para os obter.

Para melhor compreensão procurarei,

segundo o meu velho costume, fazer comparações.

E, para não haver um choque emocional, principiarei por uma das doenças mais benignas.

Baixo nível de vida

Esta enfermidade, graças a Deus, vai desaparecendo mais ou menos rapidamente não só em Portugal como em todos os países civilizados.

É para nós uma doença a bem dizer benigna, visto que não traz consequências funestas para as principais culturas do Minho.

Vejamos como ela actua, embora isso não seja nenhuma novidade.

Havendo fraco poder de compra, o agricultor vende os seus produtos a baixo preço, por vezes, com dificuldade.

E, realizando pequenos lucros (muitas vezes só ou nem sequer aparentes) não pode pagar convenientemente aos seus assalariados nem tampouco dispõe dos capitais necessários para investir numa empresa agrícola digna desse nome.

As consequências são bem conhecidas. Os trabalhadores fogem em massa e os que ficam, além de poucos, são em geral fracos; e a terra dá produtos escassos e ordinários, por falta de meios e de técnica adequada.

Felizmente, como acima se disse, a doença não é, para nós, das mais graves. Ataca-nos sobretudo as culturas da vinha, da batata e das hortaliças.

Na primeira, além dos estragos não serem relativamente grandes, há um remé-

dio e um método de tratamento que dão muito bons resultados. Trata-se do *cooperativismo* e da *termoterapia*.

Quanto à batata, bom era que o nosso nível de vida nos permitisse pagá-la um pouco melhor; mas não é ela que pesa na agricultura minhota, a não ser em casos excepcionais, como o deste ano.

E quanto às hortaliças, ainda menos, salvo para a região costeira e para os que, vivendo junto dos grandes centros de consumo, a elas se dedicam a fundo.

Falemos agora um pouco acerca dos métodos de tratamento e remédios, que dividirei em duas categorias.

Uns, a bem dizer, são de ordem geral. Tais como os antibióticos, dão para vários males; e, uma vez dentro do organismo, lá se encarregam de procurar a doença e de a atacar, na medida das suas possibilidades.

Os outros são como as pomadas, e aplicam-se directamente nos órgãos atacados.

A meu ver, entre os primeiros os principais são dois.

Um actua directa e mais ou menos rapidamente. Consiste em criar e em explorar quanto antes boas fontes de receita nacional.

O pior é que este remédio é muito mais fácil de receitar do que de aviar.

Oxalá que o nosso Governo, fomentando o Comércio, a Indústria, a Agricultura e o Turismo, o consiga com a desejada, com a necessária brevidade.

E oxalá também que as empresas particulares, os homens de dinheiro, arrojado e iniciativa, com ele colaborem, manejando essas quatro armas que, quanto a mim, são as melhores, no nosso caso, para combater o baixo nível de vida actual.

Há ainda o outro remédio, ou melhor, um método de tratamento que, embora costume actuar muito lentamente, também, neste caso, é de efeitos seguros. Trata-se da *cronoterapia*, ou seja a «cura pelo tempo».

Conforme há uns anos disse nesta revista, usei uma vez esse tratamento para uma dor de garganta que me apouquentava bastante.

Um médico meu amigo (que Deus tenha em bom lugar) receitou-me uma droga que se punha a ferver, para inalações.

Fiz o que ele me mandou e, ao cabo de 3 ou 4 dias, fui ter com ele e disse-lhe que me encontrava na mesma.

Pois sabem o que o tal clínico me respondeu? Que continuasse com o tratamento por mais uns dias, que aquilo passava.

Ora o que eu queria era uma droga que me livrasse logo, ou quase logo, do aborrecido incómodo. Com os tais dias elásticos não precisaria do remédio, como de facto não precisei, porque já estava aborrecido com as inalações e pu-las de parte; enfim, *tratei-me pela cronoterapia*, isto é, esperei resignadamente que a afecção, felizmente benigna, desaparecesse.

Embora preferisse outros meios de acção mais rápidos, também já tratei o reumatismo pelo mesmo processo.

Se os medicamentos para a nossa agricultura demorarem ou não forem suficientemente enérgicos, esperemos também resignadamente que o tempo nos cure do baixo nível de vida.

Para esta doença ainda há outro remédio, mas não falei logo nele por ter pelo menos por enquanto, um campo de acção bastante restrito: a emigração.

No entanto ele deu e ainda dá resultados espectaculares; haja em vista os asilos, escolas, hospitais e igrejas mandadas construir pelos chamados «brazileiros». Muitos deles, quando deixaram a Pátria, pouco mais levavam do que a roupa que traziam no corpo. E à custa de muito trabalho, economia, iniciativa e perseverança, voltaram bastantes anos depois, completamente transformados e carregados de dinheiro.

Não resisto à tentação de lhes contar uma verídica história que teve o seu início em Ribeira de Pena e que tem a confirmá-la, a grande e única igreja existente na sede do concelho.

Um pobre rapazito dessa terra quebrou, um dia, um púcaro que transportava; e, com medo de que lhe aplicassem uma sova, resolveu fugir.

Não sei as voltas que ele deu mas o caso é que, mais tarde, foi parar ao Brasil, onde arranjou sólida fortuna. E, embora longe da Pátria, não se esqueceu da sua

terra natal, mandando erigir nela um templo, onde, segundo reza a tradição, gastou avultadíssimos capitais.

E como esse rapazito, que enveredou pelo caminho da Fortuna por ter partido um púcaro, muitos houve que por ele enveredaram também ansiosos por melhorarem a sua situação e a dos seus.

Hoje, no Minho, a emigração para o Brasil e as grandes fortunas aí realizadas passaram à história.

Mas, em compensação, há muita gente que parte para o Canadá, Estados Unidos, Venezuela e sobretudo para França e que, em muito menos tempo do que os antigos emigrantes, consegue amealhar grossas maquias.

Em geral essa gente também não esquece a terra onde nasceu, como adiante veremos.

Infelizmente a emigração tem os seus inconvenientes.

Em primeiro lugar faz faltar a mão-de-obra, sobretudo na agricultura. Em certas regiões os homens válidos levantam vôo, por assim dizer em bandos, e nas suas terras quase que só ficam os velhos, as crianças e os inaptos.

Esses emigrantes em geral não se demoram muito lá por fora, mas, quando voltam, mesmo que seja provisoriamente, comportam-se duma forma bastante curiosa.

Na França trabalham como negros, sujeitando-se a tudo; coabitam em casebres miseráveis, cozinham, lavam e consertam a roupa, porque, se assim não fizessem, pouco lucrariam com o sacrifício do exílio.

Pois, apesar disso, mal chegam à terra armam em pessoas importantes e até se julgam ofendidos se os forem convidar para trabalhos à jorna.

E as coisas estão de tal forma que, com a falta de braços, os salários, em certa povoação do Minho, já chegaram a ultrapassar os 40\$00.

Ora isto é, evidentemente, um mal para a nossa lavoura, tão pobrezinha e de produtos tão baratos.

Mas ainda há outro inconveniente bastante grave.

Um dos grandes sonhos do emigrante é tornar-se proprietário. Por isso, logo que pode, encarrega a família de lhe comprar

prédios sem olhar ao dinheiro, o que faz com que a terra atinja preços fabulosos.

É claro que se ela, justamente valorizada,⁽¹⁾ e com as culturas tradicionais, já pouco rende, com certeza dará prejuízo se, por um lado, for muito cara e se, por outro, continuar com culturas pobres e mão-de-obra cara.

Como os meus caros leitores estão a ver, o remédio da emigração é um tanto ou quanto perigoso, além de ser difícil de tomar (há terras onde as mulheres se vestem de luto enquanto os maridos estão ausentes).

Tal como os *barbitúricos*, tem acções secundárias prejudiciais.

Mas os *Homens da Ciência* já arranjaram outras drogas que substituem esses hipnóticos, fazendo dormir sem prejudicar ou prejudicando muito pouco; esperemos também que os *Homens do Governo* consigam substituir o remédio da emigração ou que, pelo menos, o modifiquem, de forma a que, sem deixar de produzir o desejado efeito, não traga, para as regiões onde se usa, consequências prejudiciais.

A fim de não deixarmos um assunto em meio, ficaremos hoje, por aqui.

(1) No Minho os preços da terra considerados justos são bastante altos, o mesmo acontecendo com as rendas.

O que foi a

«SEMANA FLORESTAL»

Solicita-nos o Prof. Carlos Manuel Baeta Neves que façamos ao seu último artigo as seguintes correcções:

Pág. 483-1.^a coluna — linhas 37 a 40. Substituir o período por: «As excursões, com excepção de uma, já não correram tão bem, por falta de afluência, chegando mesmo a não se realizar uma delas».

Pág. 484-2.^a coluna — linha 9.

Onde se lê... as indispensáveis
leia-se... as necessárias

linha 10

Onde se lê... as principais, são
leia-se... entre as quais se destacam

CAÇA E PESCA

Valor da Pesca nas Águas Doces

por ALMEIDA COQUET

TALVEZ porque tenhamos longa costa marginal Atlântica, e em toda ela um sem número de lugares populacionais de gente do mar, de cujo labor vem para terra tanto pescado de alto valor económico para o País, talvez por tal razão — e por comparação — subsista em grande escala a ideia errada de que o valor da pesca nas águas doces interiores não tem interesse de maior.

Pondo de lado o valor da nossa pesca de espécies que vêm do mar para procriar nos rios — salmão, truta do mar, sável e lampreia — que mais poderão oferecer as nossas águas interiores?

Este é o raciocínio de muitos, e parece difícil mostrar que não é bem assim.

Vem tudo isto a propósito de uma notícia recente sobre a pesca nas águas interiores da Irlanda do Norte, em virtude da publicação do relatório do Comité de Estudo e Conselho daquelas pescarias.

A seguir às recomendações apresentadas pelo referido Comité, lê-se o seguinte:

«O valor anual da pesca nas águas interiores da Irlanda do Norte ascende a £ 365 000 aproximadamente, e o Comité recomenda que seja criada uma organização adequada para estudo e investigação sobre a pesca, o que até aqui tem sido conduzido em escala muito limitada».

Trezentas e sessenta mil libras — 29 200 CONTOS — isto, num desenvolvi-

mento que se pretende aumentar bastante, sem dúvida, pois segundo dizem, o estudo e investigação dos assuntos da pesca têm até aqui sido conduzidos em escala limitada.

Bem sabemos que naqueles números entra em grande percentagem o valor da pesca do salmão, que é abundante em muitos rios irlandeses.

No entanto, não reside só nisso o alto valor das pescarias em cada ano, e vale a pena transcrever ainda este passo do mesmo relatório:

«Focando a importância económica da pesca desportiva (*angling*) para a Irlanda do Norte, o Comité recomenda que a Autoridade Central da organização proposta, encorage os proprietários de águas interiores apropriadas a desenvolverem e facilitar a pesca (*coarse fishing*) de ciprinídeos, etc., (se necessário por meio de empréstimos e donativos), e ainda que as autoridades e dirigentes do Turismo, actuem em conjunto para que sejam melhoradas as possibilidades de acomodação e facilidades aos pescadores visitantes».

Ao lermos isto, ocorre uma pergunta.

E em Portugal? Que temos nós feito desde que a nova lei do fomento piscícola entrou em vigor?

Que eu saiba, até agora, cumpriu-se com rigor a cobrança das novas taxas das licenças de pesca. É mesmo possível

que outras medidas tenham sido postas em execução: talvez algumas águas em regime de estudo e experiência sob fiscalização especial? Repovoamentos em moldes diferentes dos anteriores? Estudos e investigações de águas quanto a alimentação natural, acidez (pH), melhoramento de cursos de água?

Sim, talvez...

Mas, se alguma coisa se tem feito, porque tão grande silêncio?

É ainda outra pergunta: já estão no-

Já mais de uma vez, nestas colunas, me referi ao valor da pesca nas águas interiores, tendo focado muito especialmente o caso da nossa Lagoa Comprida na Serra da Estrela, nos anos de 1935 e 1936.

Não podem as nossas autoridades alegar ignorância do que se passou. Em primeiro lugar, os registos da Estação Aquícola do Rio Ave poderão indicar os povoamentos feitos na referida lagoa; em segundo lugar, o resultado conhecido das



Lagoa Comprida, em Setembro de 1935. Resultado de um dia de pesca. Quatro pescadores, 33 trutas, com um peso total de cerca de 40 quilos

meadas as Comissões Regionais de Pesca? Já funcionam? Não seria interessante que os Serviços Florestais e Aquícolas fizessem publicar — e as colunas da *Gazeta das Aldeias* estão inteiramente à sua disposição — notas elucidando os interessados (e são milhares!) do que se tem feito e do que se pretende levar a cabo?

Se assim fizessemos, até o peso das novas licenças pareceria mais leve aos pescadores...

Mas voltemos ao rendimento da pesca.

Como os nossos rios baixam muito nesta época, até às primeiras chuvas do Outono, temos os lagos artificiais das barragens (mesmo no período mais baixo) com capacidade suficiente para manterem um stock vastíssimo de salmonídeos.

Que falem os técnicos. Que falem... e que actuem, porque o tempo corre veloz, e nós vamos atrasadíssimos neste capítulo da pesca nas águas interiores.

pescarias realizadas; em terceiro lugar, o esgotamento do stock de peixe da lagoa pela pesca exaustiva e ILEGAL realizada por profissionais da região.

É isto passou-se há vinte e sete anos! Quanto tempo perdido desde então...

E se compararmos as dimensões das barragens da Caniçada e outras, com as da Lagoa Comprida, melhor poderemos compreender a riqueza que se poderá albergar nesses vastos lençóis de água.

Depois, fácil será organizar a pesca nessas águas em moldes tais, que a receita cubra largamente a despesa da manutenção dessas zonas de pesca.

Nos tempos áureos da Lagoa Comprida, um pescador tirava com facilidade num dia, quatro, cinco ou mais trutas de um quilo; raras as de 900 gramas, quase todas entre um quilo e quilo e um quarto.

Não é exagero afirmar que a Caniçada nos pode dar de cinco a dez mil

peixes em cada época; a uma média de 600 a 800 gramas por peixe, teríamos cerca de 3,5 a 7 toneladas, que a 20\$00 o quilo, nos daria valores entre 70 a 140 contos. Isto é um pequeno exemplo, e teremos de nos lembrar que nenhum pescador daria essas trutas... ao gato.

Quer dizer, seriam 3,5 a 7 toneladas de salmonídeos substituindo outros alimentos.

Os próprios rios e ribeiros — e até regatos — todos podiam produzir trutas de um quarto de quilo, ou meio quilo. E muitos desses rios, dariam carpas, escalos, tencas, etc.; não peixinhos, mas sim peixes de quarto de quilo para cima.

E o achigã, nas águas do centro do País?

Tem dado resultados verdadeiramente surpreendentes! Apesar das barbaridades cometidas... e consentidas, que ainda é o pior.

Tudo isso somado, são centenas e centenas de contos de valor da pesca. E com o aumento da fiscalização e águas melhor povoadas, as licenças subiriam com facilidade a números que hoje em dia podem parecer fantasia.

Um dos valores a considerar muito especialmente, diz respeito à TRUTA DE MAR. Se para o SALMÃO teremos dificuldade em renovar a sua entrada em alguns rios — notem que disse DIFICULDADE e não IMPOSSIBILIDADE — para a truta de mar, temos ainda óptimas possibilidades diante de nós.

Mas tudo isso exige, depois da lei que saiu, uma actividade que, infelizmente, ainda não descortinamos.

Parece haver também um grande desconhecimento do que se passa por esse mundo fora, quanto à pesca desportiva.

Nas Ilhas Britânicas, o aumento de pescadores tem sido tão pronunciado, que autoridades públicas e particulares

procuram a todo o transe criar novos centros de pesca em rios e lagos. Na França, Alemanha, Austria, Yugoslávia, Suíça, Itália; na Islândia, Noruega, Suécia, Dinamarca, por toda a parte aumenta o número de pescadores com cana, linha e anzol. Na nossa vizinha Espanha, é o que sabemos, e muitos são os pescadores portugueses que atravessam a fronteira para frequentarem os rios espanhóis.

Na América do Norte, é uma loucura. No Canadá, Colômbia Inglesa, são lagos e rios sem conta onde nos fins de semana acorrem pescadores: empregados, operários, homens de negócio, industriais, banqueiros, médicos, engenheiros e até ministros de Estado.

Que atracção terá pois a pesca em todas essas multidões? Pelo resultado da pesca apenas?

Não. Pelo bom ar, pelo exercício, para se desintoxicarem, visto que passam cinco dias e meio de reclusão, por vezes com os nervos torcidos e retorcidos, o cérebro esgotado?

Sim, em parte. Mas se fosse só isso, tinham então outros desportos; e no entanto, a pesca, está cada vez mais em destaque, num primeiro lugar bastante acentuado.

Não há dúvida. Há qualquer coisa na pesca, que exerce uma acção muito especial sobre o praticante: transforma-o por completo, fica alheado dos cuidados e canseiras, das preocupações, como se tivesse saído desta vida terrena para uma vida ideal.

Só tem um defeito, talvez: o regresso à vida rial na Segunda-feira...

Mas considerado ainda este aspecto, teremos de reconhecer mais este valor da pesca, que se não traduz em escudos, dólares, ou outra moeda... mas que vale mesmo muito!



ERVAS DANINHAS DO ARROZAL

Oportunidade da Monda

Por JOSÉ FARINHA
Regente Agrícola

DO numeroso grupo de infestantes que com maior frequência se vêm no arrozal e cuja presença mais se faz sentir pelos prejuízos que podem originar na seara, destacam-se a milhã e a pólvora ou negrinha. Além destas infestantes aparecem ainda com maior ou menor frequência, a grama, espadana, junquillo, escalracho, orelha de mula, tábua, etc.. Normalmente os efeitos das infestantes que mencionamos em segundo lugar não se fazem sentir tanto como as primeiras — milhã e pólvora — mas quando a sua extensão domina larga parcela dos canteiros, são igualmente de temer os prejuízos que podem provocar no arrozal. São, porém, a milhã e a pólvora as ervas típicas da monda dos arrozais e que por múltiplas razões mais sérias apreensões trazem aos orizicultores, porque são não só as de mais difícil monda, como aquelas cuja presença mais facilmente domina as plantas de arroz. Acontece, também, que dos vários tipos de milhã que se desenvolvem nos arrozais, destacam-se duas variedades, uma de folhagem mais escura e com as espiguetas bastante negras quando se aproximam do período da maturação sem que, contudo, se possa dizer que são pretas. A esta variedade chamam os orizicultores milhã «Espanhola» que para além de ser da espécie a pior, porque é a que afilha mais e na monda a mais difícil de arrancar, apresenta ainda o inconveniente da sua semente negra. Sempre que aparece no arroz já depois da debulha, contribui para a sua desvalorização, isto para além do aspecto desagradável que lhe dá depois do descasque,

quando não é convenientemente limpo antes desta operação. O segundo tipo de milhã é bastante mais clara que a primeira, embora atinja maior porte não afilha, contudo, tanto como aquela, mas é igualmente difícil de arrancar à monda, especialmente se permanece muito tempo no arrozal.

A negrinha que é das piores infestantes, é, também, conhecida por pólvora, assim se chama pela grande semelhança que há entre a sua semente e um tipo daquele explosivo. A sua presença no arrozal anda quase sempre associada à da milhã, o que além de contribuir para a quebra de produção da seara, encarece e torna mais difícil a prática da monda.

A Melhor Oportunidade da Monda

De uma maneira geral as nossas terras entregues à cultura orizícola, têm tido um uso excepcionalmente intensivo desta cultura, não sendo difícil encontrar terrenos onde a instalação do arrozal é coisa normal de há dez, quinze e vinte anos, e mesmo mais. Este facto tem feito com que — propositadamente, note-se, não lhe chamamos inconveniente — a grande maioria dos terrenos onde isto acontece, se encontram de tão modo infestados de ervas daninhas, que, nalguns casos torna mesmo impraticável a cultura, e, coisa curiosa, mais por efeito do elevadíssimo encargo que é neste caso a monda — dois, três mil escudos por ha — do que por efeito da quebra de produção. Quer isto dizer, sempre que a monda é perfeita e oportuna, não se verificam baixas de produ-

ção sensíveis, daí a razão porque não consideramos a longa permanência do arrozal no mesmo local, como um inconveniente, ou um grave erro técnico, mas isto, claro, apenas sob o ponto de vista prático. Já vimos, embora por outras razões, que não são de aconselhar tão longas permanências do arrozal no mesmo local, principalmente por efeito da monda, doenças, etc..

Reportando-nos, propriamente, à monda devemos dizer que, quer se trate de sementeira directa, plantação normal ou em linhas, a monda deve fazer-se o mais cedo possível, logo que as ervas daninhas apresentem altura que permita o arranque, deve iniciar-se imediatamente esta prática. O atraso da monda nesta primeira fase, pode ser fatal para o arroz, especialmente para quando se trata de sementeira directa. A plantação normal ou em linhas pode permitir em certa medida um ligeiro atraso no início desta prática, sem que daí resultem inconvenientes de ordem técnica ou económica, mas quando a monda diz respeito a searas de sementeira directa não há tempo a perder, mais ainda se a monda é constituída pelos infestantes que indicamos em primeiro lugar, o que em circunstâncias normais representaria um encargo de dez, sobe, então, a trinta, quarenta, etc., números astronómicos para as possibilidades efectivas da seara.

Com a plantação em linhas ou de tipo normal, embora se verifique subida de encargos, não atingem, contudo, os números alarmantes do caso anterior, porque a distribuição mais ou menos compassada das plantas pelo terreno, facilita a execução da monda, quer seja manual ou mecânica, isto para o caso da plantação em linhas.

A ideia, porém, a fixar relativamente à monda do arrozal, é a de que a monda se deve fazer o mais cedo possível porque, quer se trate de milhã, negrinha, junco, espadana, etc., o arranque destas plantas faz-se com relativa facilidade quando são ainda muito novas. Em contrapartida, quando já têm atingido elevado porte, o seu arranque, além de difícil é mais demorado, partem-se com facilidade junto ao solo, principalmente a milhã por efeito do seu forte sistema

radicular, e em vez de uma planta com três ou quatro filhos, quando rebenta apresenta-se com meia dúzia e mais, formando um maior tufo.

A ideia geral a fixar relativamente à oportunidade da monda do arrozal é esta: — é preferível para o arrozeiro as «mondadeiras» perderem tempo em procura das plantas daninhas quando ainda pequenas, que deixá-las desenvolver e envelhecer no arrozal, pois tudo se complica com a sua presença, nomeadamente a parte técnica e económica da seara.

A empresa familiar na Agricultura Americana

(Conclusão da pág. 534)

ção na agricultura, principalmente para dois fins:

a) Prover as cidades de população, pois a baixa natalidade urbana não permite que a população se mantenha.

b) Conservar um ambiente social e moral, pelo menos num sector importante da economia, em que muitos dos valores humanos fundamentais possam prosperar. Esses valores, segundo se afirma, perdem-se no ambiente desumanizado, gregário, exageradamente mundano e friamente competitivo da vida urbana. Os valores humanos que se admite florescerem mais vigorosamente no campo são as relações familiares harmónicas e estáveis, a ajuda mútua e o afecto nos contactos pessoais com os vizinhos, um sentido de responsabilidade democrática para a participação nos assuntos da comunidade e a religiosidade. Segundo este ponto de vista, o número de explorações agrícolas nos Estados Unidos é já perigosamente baixo, devendo por isso ampliar-se as oportunidades para a constituição de novas empresas familiares. À medida que as explorações demasiadamente pequenas se ampliassem, as que fossem maiores que o necessário para produzir um rendimento familiar suficiente deveriam fraccionar-se em unidades mais pequenas, proporcionando oportunidades às famílias colocadas no extremo inferior da escala.

P ã O

Pelo CONDE D'AURORA

O Instituto Nacional do Pão—é o organismo estadual que trata da farinha triga.

Há ainda uma Federação de Produtores de Trigo que adquire todo o trigo a preço fixado por lei, compensados do produtor e muito acima do que estabeleceria a concorrência.

Nos últimos anos, esta Federação tem-se dignado, a solicitação governamental, adquirir o milho.

Ora na Província (e como sabem o Portugal divide-se em Capital e Províncias, com regime de bastardia para as últimas, quer de gente de côr quer não, e alforria total apenas para os habitantes de Lisboa e arredores que vão de Estoril e Sintra ao Ribatejo, incluindo os alentejanos residindo nas Avenidas Novas)—na Província, nesta Província de Entre-Douro-e-Minho, o pão, é a boroa, é o milho.

Desprezado, atacado, vexado, quando não apenas esquecido—desde as alcavalas da Comissão Reguladora das Moagens de Ramas e todas as suas tropelias e ofensivas contra o milho, até tudo o mais...

Mas há dias, nas Jornadas Cerealíferas,—bem hajam!—foi lembrado o milho, também como cereal português, também panificável.

E nas conclusões finais de aquela assembleia magna de agricultores, de homens da terra, foi proposto por unanimidade se reclamasse do Governo que o preço do milho subisse para 2\$80 o quilograma; e que a Federação Nacional dos Produtores de Trigo, passasse a chamar-se de Trigo e Milho e englobasse oficialmente o milho, em condições de igualdade legal com o trigo.

Felicitemo-nos pelo facto; felicitemos os componentes das Jornadas Cerealíferas pelo facto—e aguardemos confiados melhores dias.

Mas já agora uma pergunta: porque não dar pão de milho aos soldados da região do pão de milho?

Porque não alimentar a boroa o soldado minhoto quando ande nas correias?

Bem basta que ele regresse ao velho lar a pedir televisão e pin-up-girls mas ainda trocar-lhe o gosto da boroa pelo do molete.

E porque não há-de também beber vinho verde—o soldado da área da Região Demarcada dos Vinhos Verdes, se custa o mesmo preço ou menos que o outro, o vinho comum e corrente?!

A PLANTA E OS ADUBOS

(De Rádio Rural)

Logo que o Homem abandonou a vida nómada que caracterizou os primeiros tempos da sua existência sobre a Terra, durante a qual se alimentou da caça e pesca que conseguiu apanhar com os meios mais rudimentares, para o solo desviou a sua atenção e sobre ele edificou a base da sua vida.

Desde tempos imemoriais que a terra vem sendo explorada com o objectivo de produzir os

alimentos vegetais necessários à subsistência da humanidade.

Dada a existência de grande superfície de terreno inexplorado, justificou-se a atitude dos nossos longevos antepassados, que consistiu em abandonar um terreno logo que ele mostrava menores qualidades produtivas.

Os tempos rodaram, a população aumentou extraordinariamente, permanecendo a superfície cultivável quase inalterável na sua extensão. Surgiu, então, a necessidade imperiosa de promover um melhor e mais completo aproveitamento do solo; surgiu, igualmente, o problema de manter a sua fertilidade e até mesmo de a aumentar.

Secção Feminina

Trabalhinhos de mão

As nossas leitoras, especialmente as que habitam na província, devem ir industriando as suas pequenas filhas em trabalhos de mão, simples mas coloridos, que preenchem as suas horas de lazer e servem de muito, para enfeitar o lar. Tem também o enorme mérito de lhes criar o gosto de confeccionar as suas próprias coisas e adornar o seu pequenino quarto. Por isso nos lembramos de dar um desenho muito ligeiro que pode ser bordado por qualquer criança, já por volta dos 6 ou 7 anos. Pode ser adaptado a naperon, se for bordado em linho grosso ou pode até servir para estofos de cadei-



ras ou cadeirões rústicos, sendo bordado em tecido próprio.

As cores podem ser escolhidas ao

gosto de cada um, no entanto, para uma pequena orientação, indicam-se as seguintes:

A pequena coroa central a verde ervilha, mas bastante seco; os motivos maiores, imitando folhas de palmeira, metade a vermelho e o outro lado a azul arrocheado; as bolinhas a verde igual ao do centro; o primeiro recorte a azul e o segundo, exterior, a vermelho; e, finalmente, os motivos de fora, novamente a verde.

Este conjunto de tons dá um desenho regional muito fino, e veja-se o seu efeito como cobertura de uma cadeira rústica. Para este efeito deve, acolchoar-se ligeiramente, com pespontos dispostos como se indicam na correspondente gravura.

Uma mão cheia de utilidades

As donas de casa vêem-se seriamente embaraçadas para resolver pequenos problemas que surgem diariamente. Aqui têm algumas sugestões para ajudar a resolver alguns:

Manchas de bolor

Para tirar estas aborrecidas manchas desfazem-se cinco gramas de sal amoniacal e cinco gramas de sal marinho grosso e metem-se as roupas manchadas neste banho e estendem-se sem as torcer.

Nódoas de ferrugem

Põe-se em cima da nódoa uma rodela grossa de limão, metida entre dois panos

e carrega-se com um ferro de engomar, bem quente. Vai-se repetindo a operação até que a nódoa desapareça.

Lavagem da camurça

A camurça lava-se muito bem em água tépida salgada. Depois enxuga-se com um pano e deixa-se secar à sombra, tendo o cuidado de a esticar muito levemente para desenrugar e dar-lhe a forma inicial. Depois de seco volta a esticar-se em todos os sentidos.

Nódoas de licor

Estas nódoas assim como as de qualquer outro xarope, caídas em móveis envernizados tiram-se esfregando-as com um trapo embebido em água morna onde se desfez previamente um pouco de sêmea, ou seja a parte que resta da farinha de trigo depois de peneirada.

Limpeza de cadeiras de cretone

Lavam-se muito bem com água e sabão a que se tenha adicionado umas gotas de amoníaco. Também podem lavar-se com uma mistura de benzina e magnésia. Qualquer que seja o modo empregado, nunca deve molhar-se demasiado o estofado, mas proceder do seguinte modo: bate-se toda a superfície do tecido com um pano húmido, e passa-se ligeiramente com água limpa, absorvendo imediatamente o excesso de humidade esfregando o tecido repetidas vezes com um pano seco.

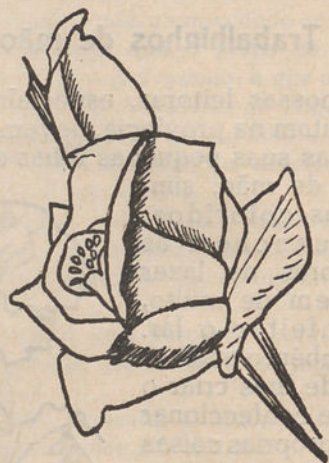
A linguagem das flores

As flores têm uma linguagem própria que, embora convencional, tem a sua base lógica, umas vezes na cor e na delicadeza da flor outras naquilo que a tradição consagrou. Assim, por exemplo, é vulgar tentar fazer conhecer a uma pessoa por meio de um ramo de flores certos sentimentos que se pretendem exprimir. Se um cavalheiro quer presen-

tear uma senhora por quem nutre muito respeito, no dia dos seus anos, deve enviar-lhe cravos brancos ou vermelhos, conforme a idade dela, pois significam homenagem respeitosa, ou orquídeas, que representam o alto apreço em que a pessoa é tida.

Damos, a seguir, a definição das flores mais usadas.

Rosas — Botões, meio abertos ou completamente desabrochados, significam



«profundo amor», especialmente sendo vermelhos escuros.

Amores-perfeitos — Exactamente como indica o seu nome, traduzem também um sentimento profundo de afeição e pode ser traduzido como um queixume pela ausência da pessoa querida.

Violetas — As delicadas violetas exprimem candura e timidez; o envio de um pequeno ramo significa que a «afeição é pura e tímida».

Papoulas — Esta flor pode trazer complicações, pois quer dizer «a minha paciência tem limites».

Narcisos — Enviar narcisos é uma maneira muito delicada e diplomática de dizer «a sua vaidade prejudica grandemente a sua personalidade».

Miosótis — Estas são as flores da saudade. Enviadas para uma pessoa ausente suplicam que não «esqueça quem as enviou».

Serviço de

CONSULTAS

REDACTORES—CONSULTORES

Prof. António Manuel de Azevedo Gomes — do *Instituto S. de Agronomia*; Dr. António Maria Owen Pinheiro Torres, Advog.; Dr. António Sérgio Pessoa, Méd. Veterinário—*Director da Estação de Avicultura Nacional*; Artur Benevides de Melo, Eng. Agrónomo—*Chefe dos Serviços Fitopatológicos da Estação Agrária do Porto*; Prof. Carlos Manuel Baeta Neves — do *Instituto Superior de Agronomia*; Duílio Marques, Eng. Agrónomo; Eduardo Alberto de Almeida Coquet, Publicista; Dr. José Carrilho Chaves, Médico Veterinário; José Madeira Pinto Lobo, Eng. Agrónomo—da *Estação Agrária de Viseu*; Mário da Cunha Ramos, Eng. Agrónomo—*Chefe do Laboratório da Estação Agrária do Porto*; Pedro Núncio Bravo, Eng. Agrónomo—*Professor da Escola de Regentes Agrícolas de Coimbra*; Valdemar Cordeiro, Eng. Agrónomo—da *Estação Agrária do Porto*; Vasco Correia Paixão, Eng. Agrónomo—*Director do Posto Central de Fomento Apícola*.

II — FRUTICULTURA

N.º 70 — Assinante n.º 43 558 — Coimbra.

RENOVAÇÃO DE LARANJEIRAS DANIFICADAS PELA GEADA

PERGUNTA—Tenho um pomar de laranjeiras, a maior parte novas, e como aqui tivesse há tempos caído uma grande camada de geada que estragou a maior parte dos frutos e algumas das árvores, tendo a maior parte das folhas caído, venho pedir o favor de me informar o que será conveniente fazer para restabelecimento das fruteiras.

RESPOSTA—Deverá esperar que se definam quais os ramos que secaram com as geadas e quais os que se mantiveram verdes.

Logo que isso suceda, este ano o acidente foi muito intenso e generalizado, deverá proceder a uma poda, eliminando todos os ramos secos.

Convém que os cortes sejam rentes lisos e inclinados, feitos sempre numa zona viva a fim de se poder conseguir a sua cicatrização, cortando sempre junto a um rebento.

Isto quanto à poda, mas há mais a remediar.

A árvore terá que refazer a parte da copa atingida. Para esse efeito é indispensável uma adubação azotada mais abundante, utilizando-se adubos de fácil e rápida absorção.

Convém para esse efeito fazer já uma adubação com adubos nítricos ou nitro-amoniacaes.

As quantidades estão de acordo com o porto da árvore e com os estragos verificados.

Aconselham-se por árvore 300 a 600 gramas de azoto, o que equivale, empregando o nitrato de sódio, 2 a 4 quilos.

Para as tangerineiras e limoeiros, de

porte mais reduzido, podem aplicar-se quantitativos menores.

A aplicação destes adubos deverá ser feita na zona indicada para as adubações, isto é, numa coroa circular com o raio mínimo de 0,5 a 0,75 do tronco e raio máximo um pouco superior ao da projecção da copa.

Dado que estas espécies frutificam em ramos nascidos no ano anterior, ramos estes que foram danificados com os frios, não são de esperar para este (1963-1964) ano grandes colheitas.

A árvore terá que formar este ano esses ramos que, na melhor das hipóteses frutificarão para o próximo ano (1964-1965). — *Madeira Lobo*.

VII — PATOLOGIA VEGETAL E ENTOMOLOGIA

N.º 71 — Assinante n.º 45 225 — S. Pedro d'Alva.

LIMOEIRO ATACADO DE COCHONILHA

PERGUNTA — Envio umas folhas de limoeiro atacadas de doença.

De que se trata, e como combater o mal? Época de aplicação de tratamentos?

RESPOSTA — A morte das cochonilhas que estão a parasitar os seus limoeiros pode ser obtida pela aplicação da seguinte calda em pulverização:

Água	100 litros
Arakol ou equivalente.	2 litros
Cloroxone Cuf	1 decilitro

São necessárias 2 curas: uma em fins de Maio e uma 2.ª ocorridos 20 a 30 dias.

Antes, deverá no entanto podar nos seus limoeiros todos os ramos secos deixados pelos frios do último Inverno. — *Benevides de Melo*.

VINHOS AZEITES — Executam-se todas as análises de vinhos e seus derivados, azeites, banhas, manteigas e todos os produtos de alimentação. Venda de todo o material de análises e reagentes. Cursos de aprendizagem de análises e tratamento de vinhos. Análises de recurso e peritagens em Laboratórios Oficiais, por técnico diplomado. Dirigir ao Estabelecimento Vno-Vito, R. Cais de Santa-ém, 10-1.º dirt.º — LISBOA — Telefone P. B. X 27130.

N.º 72 — Assinante n.º 37 846 — Felgueiras.

COMBATE À BROCA DAS PEREIRAS

PERGUNTA — Haverá algum tratamento preventivo, de satisfatório resultado prático, contra a broca, que costuma perfurar os caules de pereiras e macieiras novas?

Caso haja, em que consiste?

RESPOSTA — Se o ciclo biológico dos «lepidopteros» que originam as «brocas» que se refere se encontrasse melhor estudado seria talvez possível com maior precisão indicar-se um tratamento como pretende.

De momento o que a prática parece comprovar é que pomares regularmente tratados não são «pasto» daqueles parasitas.

O caso especial de pomóideas novas merece ser visto pelo pomareiro com especial cuidado. Tenha-se presente quanto prejuizo à formação da árvore pode advir da galeria aberta por uma destas «brocas».

A aplicação repetida de caldas de DDT, especialmente no período quente do ano, deverá dar pelo efeito insecticida daquele produto uma acção de boa protecção para as novas plantas em formação. — *Benevides de Melo*.

XIV — ZOOTECNIA

N.º 73 — Assinante n.º 41 056 — Santo Tirso.

POSTOS DE REPRODUÇÃO BOVINA

PERGUNTA — Do local onde moro são uns 6 quilómetros de distância ao posto de cobrição de vacas turinas. Por virtude disto, pensei instalar um igual posto para as minhas vacas e alheias, mas como não conheço o regulamento, desejava saber:

- 1.º — É preciso fazer uma instalação própria?
- 2.º — Terei que adquirir qualquer alvará, de qualquer entidade pecuária?
- 3.º — Onde poderei adquirir um bezerro de raça holandesa pura?

Além destas informações, agradeço o favor de me dar quaisquer outras que entenda para bem me orientar.

RESPOSTA — Para melhor elucidação, vamos transcrever com a devida vénia, as «disposições e instruções para o funcionamento dos postos de reprodução bovina».

1) — Os proprietários dos postos devem possuir o alvará e a licença anual a que se refere o art. 9.º do Decreto-Lei n.º 39 561, de 31 de Março de 1954.

2) — O alvará é intransmissível, gratuito e de carácter definitivo, caducando somente por desistência do seu proprietário ou quando este cometa uma terceira transgressão que envolva penalidade superior a advertência, podendo ser suspenso temporariamente (pelo tempo que for julgado necessário), o funcionamento do posto, quando se verifique a existência de doença contagiosa com carácter de expansividade.

3) — A licença é documento indispensável para o funcionamento do posto e é válida somente até 31 de Dezembro, devendo a sua revalidade ser requerida no 1.º trimestre de cada ano, sendo cobrada a taxa de 115\$00 pela sua passagem.

4) — Sempre que os touros aprovados sejam substituídos, ou que haja que ser feito o averbamento de novos reprodutores na licença, devem os possuidores dos postos requerer, no prazo de 10 dias, o seu averbamento, não podendo existir no posto senão os touros aprovados.

5) — Os postos devem possuir boas instalações não só para os touros aprovados, que devem estar isolados de outros animais da mesma espécie, como para o seu funcionamento, isto é, devem possuir alojamentos apropriados para os touros e tronco de cobrição situado em local convenientemente resguardado.

6) — Não devem ser cobertas fêmeas com menos de 14 meses de idade, ou com idade avançada, as que possuam doenças infecto-contagiosas ou parasitárias que envolvam risco sanitário, ou que possuam defeitos físicos transmissíveis aos filhos, e as de raça diferente da do touro.

7) — Os reprodutores devem estar bem alimentados e limpos, e ter assistência clínica, sendo obrigatória a comunicação à Intendência de Pecuária de todos os casos de doença.

8) — O número de fêmeas que o touro deve cobrir por dia não deve exceder 2, uma de manhã e outra à tarde, sendo de condenar dois saltos na mesma altura, na mesma vaca. O máximo de fêmeas

cobertas pelo touro, não deve exceder 200 por ano.

9) — Os saltos devem ser registados em livros próprios do posto, devendo ser sempre entregues aos donos ou apresentantes das vacas, o documento comprovativo de terem sido beneficiadas, no qual conste, entre outros elementos, o número do posto, o número do touro, o nome da vaca e do seu proprietário, bem como a morada deste e a data do salto.

10) — A não observância destas disposições e instruções, será punida, conforme a sua gravidade, com as penas previstas no art. 17.º do Decreto-Lei n.º 39 561, de 31 de Março de 1954, pela forma constante dos arts. 60.º e 61.º do Decreto n.º 41 109, de 14 de Maio de 1957.

Queira dirigir-se ao Médico Veterinário Municipal do seu concelho, ou directamente à Intendência de Pecuária do Porto, R. de Santa Catarina n.º 741, que lhe dará todos os esclarecimentos, visto que o estabelecimento dos postos está até certo modo condicionado, salvo para aqueles que sejam para o uso exclusivo das vacas da própria casa agrícola, em que é só necessário o alvará passado pela Direcção-Geral dos Serviços Pecuários, estando isento de licença anual.

Para a aquisição dum bezerro de raça holandesa pura, talvez que a Estação Zootécnica Nacional — Fonte Boa — Santarém, o possa fornecer, ou a Intendência de Pecuária de Aveiro. — *Carrilho Chaves.*

XXIII — DIREITO RURAL

N.º 74 — Assinante n.º 44 933 — *Horta (Açores).*

ARRENDAMENTO RÚSTICO. NOVA LEI DE ARRENDAMENTO RURAL

PERGUNTA — Tendo eu organizado uma lavoura na Ilha do Pico, numa região onde a pastagem é natural, região esta onde nunca se tinham usado adubos, arrendei uma quantidade grande de terrenos que tenho vindo adubando e tenho obtido uma produção muito maior.

Vendo as produções das pastagens, os proprietários querem tirar-mas ficando, assim, a comer os adubos e, portanto, os benefícios que ali introduzi.

Não tendo, contudo, nenhum papel de arrendamento, sendo simplesmente do conhecimento do público em geral.

Agradecia o favor de me informar se esta Lei que saiu ultimamente me dá alguma alternativa que me possa defender de tais abusos.

RESPOSTA — 1. O contrato de arrendamento, em princípio, não necessita de ser reduzido a escrito, pelo que o facto do Senhor Consulente não ter qualquer papel de arrendamento, não impede que o contrato seja válido.

2. Assim o contrato há-de ter a duração que tiver sido acordada, e na falta de estipulação, entende-se que este foi feito «pelo tempo costumeado da terra, e, em caso de dúvida, ácerca de qual é o costume, por não ser uniforme», nunca se presume que tenha sido feito «por menos tempo que o necessário para uma sementeira e colheita, conforme a cultura», a que tenha sido aplicado o terreno (art. 63.º do Dec. 5411, de 17 de Abril de 1919).

3. Eram estas as disposições vigentes até à promulgação da Lei de Arrendamento Rural (Lei n.º 2114, de 15 de Junho de 1962), que veio alterar profundamente o estabelecido. Assim, hoje, o arrendamento continua a não necessitar de ser escrito (Base 2.a), mas o seu prazo de duração não pode ser inferior a 6 anos, e se não for rescindido ao fim desse prazo, a renovação presume-se feita por 3 anos (Base 3.a).

4. No entanto, as disposições desta lei só se aplicam aos arrendamentos feitos anteriormente quando se tenha dado, posteriormente à sua entrada em vigor, renovação do contrato (Base 28.a). — A. M. O. Pinheiro Torres.

*

N.º 75 — Assinante n.º 4184 — *Alfândega da Fé*.

PAREDES MEIAS. DIREITO DE TAPAGEM

PERGUNTA — Posso um prédio rústico murado a toda a volta e tendo como limite a determinada altura as paredes de uma casa de habitação dum outro proprietário e suas dependências.

Numa dessas dependências caiu há tempos junto da parede que limita esse meu prédio, tendo caído para o meu prédio, pedras e entulho, e tendo ficado uma grande abertura por onde passam galinhas, perús e até pessoas para o meu prédio.

Como pelo referido proprietário ainda não fossem tomadas quaisquer providências, era favor dizer-me se posso deitar para o terreno do referido proprietário as pedras que caíram para o meu prédio, e de junto do meu prédio, vedar de qualquer forma, a respectiva abertura, mesmo junto ao referido muro, até que ele se resolva a proceder à respectiva reparação e como obrigá-lo.

Devo esclarecer que a referida dependência é coberta de telha e tem o beirado para o meu terreno.

RESPOSTA — 1. Partindo do princípio que a parede em questão pertence exclusivamente ao vizinho, ele não é obrigado a repará-la, mas já tem a obrigação de levantar as pedras e demais entulho que por força do desabamento caíram sobre o terreno do senhor consulente e indemnizá-lo dos prejuízos que por ventura tenha causado.

2. Por outro lado o senhor consulente tem o direito de adquirir comunhão na parede, pagando metade do seu valor e metade do valor do solo sobre que estiver construída (art. 2328.º do Código Civil) e, nessa altura, a reparação deverá ser feita pelos dois, e proporcionalmente ao proveito que cada um tirar desse mesmo muro (art. 2334.º e § 2.º do mesmo Cód.) ou mesmo unicamente pelo vizinho se a ruína porvier de facto de que ele tire exclusivamente proveito (§ 3.º do mesmo artigo). E deste modo a reparação já se torna obrigatória.

3. Acresce ainda que o senhor consulente tem o direito de vedar a sua propriedade (art. 2346.º do Cód. cit.) e portanto também a parte que ficou aberta em virtude do desabamento da parede.

4. Caso o vizinho não remova o entulho que está caído no terreno, parece-me que tal poderá ser feito pelo senhor consulente, mas deverá previamente avisá-lo de que se o não fizer, a remoção será feita por conta dele.

5. A única maneira de obrigar o vizinho do senhor consulente a cumprir os seus deveres — e se ele não concordar em fazê-lo voluntariamente — será o recurso aos tribunais correspondentes. — A. M. O. Pinheiro Torres.



INFORMAÇÕES

Sobre o Comércio das Lãs

Portaria n.º 19 889

O regime da passada campanha lanar, estabelecido através da Portaria n.º 19 218, de 4 de Junho de 1962, revelou-se eficiente quanto aos objectivos que se pretendia atingir.

Por isso, tudo aconselha a que se mantenha regime semelhante para a próxima campanha, com as alterações impostas pela prática e pela actual conjuntura do mercado das lãs.

Nestes termos:

Manda o Governo da República Portuguesa, pelo Secretário de Estado do Comércio, o seguinte:

1.º Continua livre a compra e venda de lã de produção nacional, nos termos desta portaria.

2.º Os grémios da lavoura e cooperativas deverão continuar a promover a concentração das lãs para venda em leilão, com prévia classificação e avaliação da Junta Nacional dos Produtos Pecuários.

3.º A compra e venda de peles de ovinos com lã aplicar-se-á o disposto nos n.ºs 1.º e 2.º da presente portaria.

4.º A armazenagem das lãs na concentração para venda, nos termos do n.º 2.º desta portaria, deverá obedecer às directrizes emanadas da Junta Nacional dos Produtos Pecuários.

5.º A Junta Nacional dos Produtos Pecuários só avaliará as lãs concentradas cuja tosquia tenha sido feita sob sua directa assistência técnica ou sob responsabilidade de manejeiros encartados e segundo os preceitos que preconiza e ensina.

§ único. Consideram-se manejeiros encartados os que possuem cartão de aptidão obtido em curso de tosquia e preparação de velos realizado pela Junta.

6.º Os grémios da lavoura e cooperativas poderão adiantar fundos aos proprietários das lãs concentradas e utilizar para o efeito os financiamentos que a Junta Nacional dos Produtos Pecuários continuará a fazer-lhes a curto prazo e numa base de preço a indicar.

7.º A Junta Nacional dos Produtos Pecuários continuará a garantir os preços da sua avaliação, recebendo por intermédio dos grémios da lavoura e cooperativas as lãs e as peles com lã que não tenham atingido esses preços no leilão.

8.º Os preços mínimos a garantir pela Junta Nacional dos Produtos Pecuários às lãs sujas tosquiadas nas condições do n.º 5.º da presente portaria são os que resultam dos preços mínimos para penteados e lavados constantes da tabela anexa

a este diploma, consoante as classes e o rendimento em penteado ou em lavado a fundo.

9.º A Junta Nacional dos Produtos Pecuários porá em venda, pelo processo que julgar mais conveniente, as lãs em ramas sujas que tiver adquirido nos termos desta portaria.

§ único. No caso de não conseguir vender essas lãs em sujo a Junta promoverá a sua venda em adequado estado de transformação.

10.º A Junta Nacional dos Produtos Pecuários concederá aos grémios da lavoura, às cooperativas e aos comerciantes de lãs empréstimos sobre penhor de lãs lavadas e penteadas nas condições seguintes:

a) Para os grémios da lavoura e cooperativas o montante dos empréstimos será limitado à importância correspondente aos preços de avaliação em sujo, o que equivale a 70 por cento do valor do produto depois de transformado, e o penhor será constituído pela totalidade das lãs em rama sujas ou dos produtos e desperdícios que resultarem da sua preparação industrial.

Para facilitar a operação, as responsabilidades dos empréstimos feitos aos grémios da lavoura e cooperativas poderão ser endossadas às entidades transformadoras, que, para todos os efeitos, são os fiéis depositários das lãs em bruto e dos produtos resultantes da transformação industrial confiados à sua guarda;

b) Para os comerciantes de lãs o montante dos empréstimos será limitado a 70 por cento do valor dos lotes de lavados e penteados oferecidos em penhor até ao limite das quantidades correspondentes às compras em leilão.

11.º A Junta Nacional dos Produtos Pecuários promoverá a realização de leilões de lãs nos diferentes estados de preparação de sua propriedade ou pertencentes a qualquer dos sectores interessados no ciclo económico da lã.

12.º A Federação Nacional dos Industriais de Lanifícios continuará a fornecer à Junta Nacional dos Produtos Pecuários, no princípio de cada trimestre e com relação ao trimestre anterior, os elementos seguintes:

a) Quantidades de lãs nacionais e estrangeiras sujas, lavadas e penteadas adquiridas pelos industriais de lanifícios e de malhas em cada trimestre;

b) Existências de lãs nacionais e estrangeiras em rama, sujas e lavadas e em penteados que se encontram em poder dos industriais da área de cada grémio no final de cada trimestre.

13.º Os comerciantes de lãs fornecerão também, directamente à Junta Nacional dos Produtos

Pecuários, no princípio de cada trimestre e com relação ao trimestre anterior, os elementos seguintes:

a) Quantidades de lãs nacionais e estrangeiras sujas, lavadas e penteadas adquiridas em cada trimestre;

b) Existências de lãs nacionais e estrangeiras em rama, sujas e lavadas e em penteados que se encontram em seu poder no final de cada trimestre.

14.º Esta portaria entra imediatamente em vigor.

Tabela de preços

Lãs não churras de tosquia

Por quilograma

Penteados brancos:

Merinos extra	cerca de	73\$00
Merinos finos	» »	69\$00
Merinos correntes	» »	65\$00
Primas	» »	63\$00
Cruzados finos	» »	59\$00
Cruzados médios	» »	55\$00

Penteados saragoços:

Merinos extra	cerca de	60\$00
Merinos finos	» »	57\$00
Merinos correntes	» »	53\$00
Primas	» »	48\$00
Cruzados finos	» »	46\$00

Lavados brancos (para carda):

Merinos extra	cerca de	57\$00
Merinos finos	» »	53\$00
Merinos correntes	» »	49\$00
Primas	» »	46\$00
Cruzados finos	» »	42\$00
Cruzados médios	» »	37\$00
Cruzados lustrosos	» »	34\$00
Peças e aninhos fortes	» »	32\$00
Pontas e chocas	» »	24\$00

Lavados saragoços (para carda):

Merinos extra	cerca de	46\$00
Merinos finos	» »	42\$00
Merinos correntes	» »	39\$00
Primas	» »	35\$00
Cruzados finos	» »	32\$00
Cruzados médios	» »	30\$00
Cruzados lustrosos	» »	28\$00
Peças e aninhos fortes	» »	18\$00
Pontas e chocas	» »	12\$00

Lãs churras de tosquia

Lavados churros:

Corrente	cerca de	29\$00
Normal	» »	26\$00

Serão desvalorizadas até 20 por cento todas as lãs que apresentem restos de marcas a tinta com base em substância resistente à lavagem industrial.

Sobre a classificação dalguns cursos de água

Portaria n.º 19908

Considerando a necessidade de classificar os cursos de água onde o exercício da pesca está

dependente da existência ou da faculdade de pesca de salmonídeos;

Atendendo, no entanto, à impossibilidade imediata de se indicar, para a totalidade da rede hidrográfica do País, quais os cursos de água ou seus troços que, para o exercício da pesca, se consideram sujeitos ao disposto no § 2.º do artigo 29.º do Decreto-Lei n.º 44 623;

Considerando, todavia, a conveniência de serem indicados os cursos de água que, para aquele efeito, hajam sido já classificados;

Usando da faculdade conferida pelo artigo 84.º do Decreto-Lei n.º 44 623 e por força da base XXXIII da Lei n.º 2097, de 6 de Junho de 1959:

Manda o Governo da República Portuguesa, pela Secretaria de Estado da Agricultura:

1.º São considerados abrangidos pelo disposto na primeira parte do § 2.º do artigo 29.º do Decreto-Lei n.º 44 623, de 10 de Outubro de 1962, todos os cursos de água existentes nos concelhos dos distritos de Viseu e da Guarda e ainda nos concelhos de Arouca, Castelo de Paiva e Vale de Cambra, do distrito de Aveiro, e nos concelhos de Belmonte, Covilhã, Fundão e Penamacor, do distrito de Castelo Branco.

2.º Ficam excluídos do corpo do artigo anterior os troços dos cursos de água que a seguir se indicam:

I) No distrito da Guarda:

a) Rio Cóa. — Todo o percurso a partir da ponte de S. Roque para jusante;

b) Rio Mondego. — Todo o percurso a partir da ponte do Porto da Carne para jusante;

c) Rio Alva. — Todo o percurso a partir de Sandomil para jusante;

d) Rio Zêzere. — Todo o percurso a partir da ponte de Valhelhas para jusante.

II) No distrito de Viseu:

a) Rio Paiva. — Todo o percurso a partir da ponte da Nodar para jusante;

b) Rio Vouga. — Todo o percurso a partir da ponte de São Pedro do Sul para jusante;

c) Rio Dão. — Todo o seu curso.

Sobre as cobranças relativas ao Decreto-lei 44 592

Portaria n.º 19900

Manda o Governo da República Portuguesa, pelos Ministros das Finanças e Secretário de Estado da Agricultura, com fundamento no artigo 24.º do Decreto-Lei n.º 44 592, de 22 de Setembro de 1962, que as importâncias a cobrar ao abrigo do disposto no referido diploma, sejam:

1.º 100\$ por cada hectare ou fracção de terreno a vistoriar, nos termos do § único do artigo 4.º;

2.º 100\$ por cada hectare ou fracção de área explorada, nos termos do artigo 16.º;

3.º 200\$ por cada inspecção a realizar em obediência ao artigo 17.º.

Para o cálculo das importâncias referidas nos nos 1.º e 2.º serão consideradas isoladamente as parcelas de um mesmo viveiro que façam parte de prédios rústicos diferentes. No caso de parcelas incluídas no mesmo prédio, é o somatório da sua área que servirá de base de cálculo.

A. C. U. F.

(SECÇÃO AGRO-QUÍMICA)

põe à disposição dos Agricultores

a) Produtos para combater males e pragas

Agral LN — Molhante-aderente para incorporar nas caldas insecticidas e fungicidas.

Albolineum — Emulsão de óleo branco para combater as «cochonilhas» ou «lapas» e «icérias».

Mergamma — Desinfectante da semente do milho, à qual assegura protecção contra os ataques do «alfinete» e doenças criptogâmicas.

Cloroxone — Poderoso insecticida com base em Clordane, indicado para o combate à «formiga argentina».

Didimac 10 e 50 — Produtos com base em DDT, especialmente recomendados para o combate à «traça» da batata e das uvas, e ainda ao «bichado» dos frutos, à «teia» da macieira, etc.

Gammexane 50 (sem cheiro) e **P. 520** — Produtos com base em Lindane, e B. H. C.,

respectivamente, indicados em especial para o combate ao «escaravelho» da batateira, «pulgão» ou «áltica» da vinha, «hoplocampas», etc.

Gamapó A — Insecticida com base em B. H. C., próprio para a destruição dos insectos do solo — «quirónimo» do arroz, «alfinete» do milho, «roscas», etc.

Katakilla — Produto com base em Rotenona, para combater os «piolhos» e outros insectos prejudiciais às plantas.

Malaxone — Éster fosfórico não tóxico com base em Malathion; combate «algodões», «afídios ou piolhos» «traças» das uvas, «mosca» dos frutos, etc.

Quirogama — Insecticida líquido para o combate ao quirónimo ou lagartinha vermelha dos arrozais.

b) Produtos para destruição de ervas e arbustos

Agroxone 4 — Herbicida selectivo com base em M. C. P. A., completamente desprovido de toxicidade para o homem e animais domésticos. O herbicida que permite uma rápida, eficaz e económica monda das suas searas sem causar quaisquer prejuizos aos cereais.

Atlacide — Herbicida total com base em clorato de sódio para a destruição

das ervas daninhas dos arruamentos, jardins, etc.

Trioxone — Arbusticida hormonal, com base num éster do 2, 4, 5 T. Embora seja também activo contra diversas ervas daninhas de «folha larga», o 2, 4, 5 T é especialmente eficaz contra plantas lenhosas, tais como silvas, diversos tipos de mato, acácias infestantes, etc.

c) Produtos auxiliares da vegetação

Horthomona A — É um preparado sintético que estimula e ace-

lera a formação de raízes nas estacas.

À VENDA EM TODOS OS DEPÓSITOS E REVENDADORES DA

Companhia União Fabril

Av.ª do Infante Santo — LISBOA-3
(Gaveto da Av.ª 24 de Julho)

Rua do Bolhão, 192-3.º — PORTO

São-lhe necessários nesta época estes livros:

- | | |
|--|---|
| Limpeza da adega e conservação do material vinário , por <i>Henrique Coelho</i> . — 52 pág. c/ 16 grav. 6\$50 | Instruções sobre o fabrico e conservação do vinho de pasto ... — Separata de um trabalho publicado em vários números da «Gazeta», pelo eng.º agrónomo <i>Mestre Mário Pato</i> 5\$50 |
| A vindima , por <i>Henrique Coelho</i> . — 40 páginas, com 11 gravuras. . . 6\$50 | Determinação do grau alcoólico dos vinhos , por <i>Henrique Coelho</i> . — 41 págs. com 25 gravuras. 5\$50 |
| Como se faz o vinho , por <i>Henrique Coelho</i> 8\$00 | Determinação da acidez dos vinhos , por <i>Henrique Coelho</i> . — 39 páginas, com 27 gravuras . . . 5\$50 |
| Tratado prático de vinificação , por <i>M. Rodrigues de Moraes</i> . — 3.ª edição muito melhorada. — 254 páginas, com 56 grav. 36\$00 | Aproveitamento dos vinhagos , por <i>Henrique Coelho</i> . — 47 páginas com 7 gravuras 6\$50 |
| Conservação do vinho , por <i>Henrique Coelho</i> . — 35 páginas, com 8 gravuras 5\$50 | Destilação , por <i>Matos Torres</i> . — 88 páginas, com 22 gravuras . . . 9\$50 |
| Determinação do extracto seco dos vinhos , por <i>Henrique Coelho</i> . — 48 páginas, com 12 grav. 5\$50 | |

Nestes preços está incluído o porte do correio. A' cobrança, mais 2\$00

Pedidos à GAZETA das ALDEIAS

Visite V. Ex.ª a

**Ourivesaria
Aliança**

3056

onde encontrará
*Jóias, Pratas,
Mármore e
Bronzes*
a preços fixos.

P O R T O — 191, R. das Flores, 211
Filial em LISBOA: R. Garrett (Chiado), 50

BATATAS

Para a SEMENTEIRA ESTIVAL, bem germinadas e de diversas variedades. Para entrega imediata, vende o Produtor:

João Delgado — AVEIRO

PORTO AVÍCOLA

(CASA FUNDADA EM 1942)

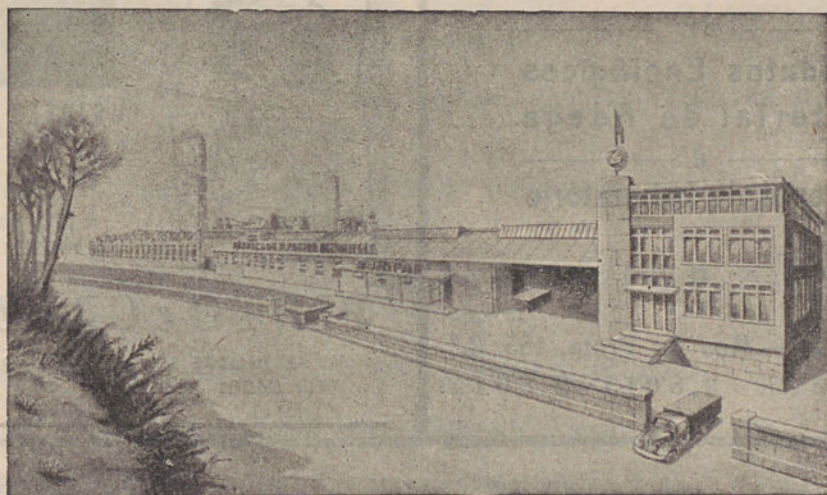
CHOCADÉIRAS — ARTIGOS E ALIMENTOS PARA AVES E CÃES
CARLOS PINHEIRO — Rua de Aviz, 16 — Tel. 26540 — PORTO

3951

FÁBRICA DE MADEIRA AGLOMERADA

«TABOPAN»

TELEFONE N.º 53 — AMARANTE



UMA DAS MAIS MODERNAS INSTALAÇÕES DA EUROPA NA PRODUÇÃO DE MADEIRA AGLOMERADA

Placas de 2,50×1,25—2,13×1,25—2,13×1,00—2,13×90—80, 75, 70 e 2,00×1,00
Espessuras: de 3 a 36 m/m para todas as aplicações

**Portas, Lambrins, Tectos, Mobiliário, Construção Civil e Naval, Hangares,
Casas Pré-Fabricadas, Carteiras e Mobiliário Escolar, etc.**

Esta madeira foi considerada pelos famosos cientistas germânicos em madeira aglomerada, Engenheiro H. F. Schewiertz, de Hamburgo, e Professor Wilhelm Klauditz, da Universidade Técnica de Braunschweig, como a melhor que se tem produzido na Europa

Também o Laboratório Nacional de Engenharia Civil, de Lisboa, a considerou igual à melhor que se produz no estrangeiro

As construções de maior categoria têm preferido «TABOPAN»

A única Fábrica Europeia que produz placas de 3, 4, 5 e 6 milímetros de espessura com uma resistência de 407 kg./cm² (cerca de 3 vezes mais que a madeira maciça)

Distribuidores no Distrito do Porto
e Província do Minho:

Soc Comercial de Representações José Soares, L.da
R. Rodrigues Sampaio, 169-2.º • Tel. 28091
PORTO

Agente Distribuidor em Lisboa:

Soc. de Madeiras e Mobiliário Tabopan, L.da
Av. Casal Ribeiro, 12-B e 12-C
Telefs. 43179 e 535301
LISBOA

3716

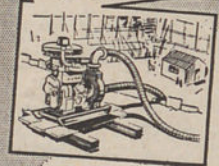
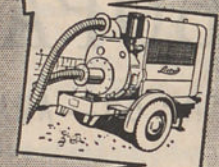
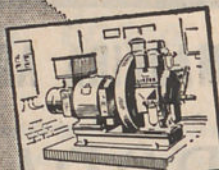
OENOL

*Sociedade Portuguesa
de Enologia, Lda.*

Importadores - Armazenistas
DE
Produtos Enológicos
Material de Adega
E
Material de Laboratório

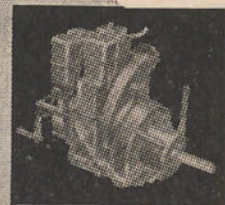
LISBOA — Rua da Prata, 185, 2.º
Telefones: 2.8011 - 2.8014

2860



LISTER

força motriz
para todos
os fins



MOTORES DIESEL
DE 3 A 1600 h. p.

REPRESENTANTES:

PINTO & CRUZ, L.ª

R. ALEXANDRE BRAGA, 60/64 - PORTO
TEL: 26001 (P. P. C.)

2177

Defenda os Batatais Combatendo o Escaravelho

- *Contra o Escaravelho resistente*

▶ **DELNAV 47** ◀

O MAIS MODERNO INSECTICIDA-ACARICIDA
DA HERCULES POWDER COMPANY

- *Contra o Escaravelho não resistente*

▶ **SINTOFENE "60"** ◀

COM TOXAFENA

DELNAV 47 e SINTOFENE "60" são inofensivos para as abelhas

- *Contra todas as estirpes de Escaravelhos*

▶ **SALVATOR** ◀

À BASE DE ARSENIATO DE CHUMBO

Contra o Míldio e Alternaria → **CARBANE "S"**

Conceituados produtos

PROCIDA
HERCULES POWDER C.º

Representantes exclusivos:
A. F. Gouveia, Lda.

LISBOA — Av. Inf. Santo, 52-1.º — Telef. 675081/2
PORTO — R. Santos Pousada, 614 — Telef. 44573

3919

Alguns Produtos



ao Serviço da Lavoura

Dedetoxil, Lin-Toxil (em pó e em líquido), **Lintal** e **B H C Irpal** (à base de DDT-Lindane-DDT e Lindane-Isómero Gama, respectivamente) — Contra o Escaravelho da Batateira, Insectos da Vinha, Insectos das Hortas e Pomares, etc.

Clor-Pal (à base de Clordane) — Contra a Formiga Argentina, parasitas das Hortas e Pomares, parasitas dos Animais e das Habitações.

Cobre Irpal e Cuprion — Contra o Mildio e outras doenças criptogâmicas das Vinhas, Batatais, etc.

Enxofre Molhável Irpal — Contra o Oídio e Acarioses das Vinhas, Oídio das Plantas Hortícolas e Ornamentais e Oídio e Pedrado dos Pomares.

Cuprifer — Desinfectante de sementes a seco e excitador da germinação.

E. B. 25 (emulsão base) — Contra Moscas, Mosquitos, Traças, etc.

X L 55 Irpal — Contra Carrças e Ronha das ovelhas, etc.

Lin-Tal-Clor (à base de DDT, Lindane e Clordane) — Contra todos os Insectos das Habitações.

Afitox — No combate aos Afídeos (Piolho das Plantas), Melas, etc.

Larvan — Na luta anti-sezonática e no combate ao Chirónemo (Lagarta da raiz do arroz).

Acridion — Para desinfectação dos Celeiros, Estábulos, etc.

Acridion de Inverno (emulsão de óleo antracénico) — Tratamentos de Inverno de Pomares, Vinhas, etc.

Olidion de Verão e Olidion de Inverno — Contra Cochonilhas, Fumaginas, Icéria, etc.

Ervatox (Erbicida), **Abonor** (Estercolizador), **Cresilion** (Desinfectante de uso geral), **Cuproxil** e **Carbolínio** (Conservadores de madeiras), **A-Mur** (Raticida bio-químico), etc.

IRPAL É MARCA DE QUALIDADE

Dirigir pedidos e solicitar informações a:

IRPAL

1970

Indústrias Reunidas de Produtos para a Agricultura (S. A. R. L.)

Travessa do Almada, 20-2.º-Esq. — LISBOA — Tel.: 869167 e 869168

Adubos para todas as culturas

ADUBOS SAPEC

Superfosfatos 18% e 42% — em pó e granulado

Superbor — adubo fosfatado com borato de sódio

Superdrine — adubo fosfatado insecticida

Irral — adubo completo para adubação foliar

Adubos Azotados - Adubos Potássicos

Adubos Compostos

Adubos Compostos Insecticidas

Fungicidas - Insecticidas

Acaricidas - Herbicidas



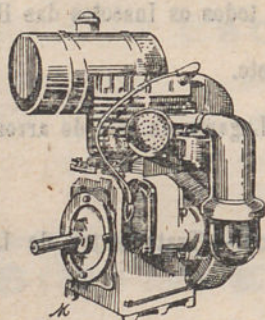
Lisboa

R. Victor Cordon, 19
Telef. 366426-30715

Agência no Porto

R. Sá da Bandeira, 746-1.º D.to
Telef. 23727-26444

Depósitos e Revendedores no Continente, Ilhas e Ultramar



Motores a petróleo

WISCONSIN

sempre em armazém

PEÇAS DE RESERVA ORIGINAIS

Distribuidores exclusivos em Portugal

CASA CAPUELO

LISBOA - PORTO

CHOCADÉIRAS "PAL"

(FABRICO FRANCÊS)

Eléctricas, petróleo e mistas,
50 a 20.000 ovos. Máximo rendi-
mento. Acabamento esmerado.
Preços mais baixos do mercado.

Tels. 321241-325085

PINTOS DO DIA

Importação da América, Holanda, Dinamarca, Inglaterra e Israel

para **Engorda:**

White Cornish, White
Rock, etc. «Híbridos»

para carne

3920

para **Ovos:**

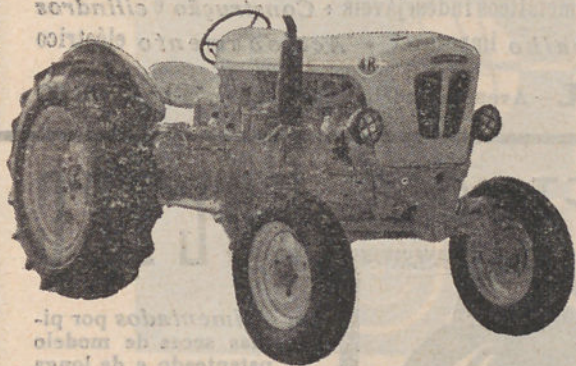
White Leghorn, Rhode Island,
New Hampshire, etc. «Híbridos» para postura

H. BRAAMCAMP SOBRAL, LDA. P. do Município, 19-2.º - LISBOA-2

Aos Srs. *Viticultores*

Têm agora 2 modelos de Tractores "LAMBORGHINI"

de características apropriadas para trabalhar nas *Vinhas e Pomares*



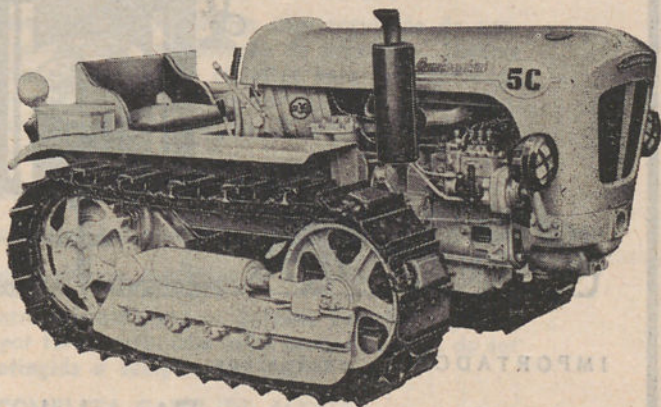
Modelo	1-R	2-R
Potência	26-HP	39-HP
Largura mínima	1 ^m ,13	1 ^m ,40
Pneus da frente	4.00-15	5.50-16
» trazeiros	9.5-24	11.2-28

2 tomadas de força, levantador hidráulico de 3 pontos, regulador de profundidade, dispositivo automático de esforço controlado, blocagem do diferencial, 6 velocidades para a frente e 2 marchas atrás.

Para os terrenos acidentados aonde os tractores de rodas têm dificuldades, há agora os modelos de rasto contínuo para todos os terrenos.

Modelo	1-C	5-C
Potência	26-HP	39-HP
Largura mínima	0 ^m ,90	0 ^m ,98 ou 1 ^m ,16

Direcção no diferencial com embraia-gens laterais, levantador hidráulico em 3 pontos, regulador de profundidade, 8 velocidades para a frente e 2 marchas atrás.



Os motores «LAMBORGHINI» — Diesel são arrefecidos por ar, e com arrefecedor do óleo, arranque a frio, **ECONÓMICOS E DURADOUROS**, porque são fabricados pela «LAMBORGHINI» e são

garantidos por 2 anos

3949

Charruas de 5 ferros próprias para todos os trabalhos nas vinhas, Frezas, Grades de discos, etc.
ATOMIZADORES E POLVILHADORES «CHIRON»

Peça uma demonstração aos distribuidores exclusivos:

O. L. I. V. E. R.

Alameda D. Afonso Henriques, 60-A a 60-C

Telefs. PPC 725133 - 725134

LISBOA

Telegramas «Tracoliver»

Esmagador-Desengaçador ACAL

para média exploração (cerca de 3.500 kgs. de uva/hora)

Desengace perfeito

podendo, contudo, *não desengajar*



Eliminados todos os contactos metálicos indesejáveis • *Construção* e cilindros em excelente madeira • *Trabalho* impecável • *Accionamento* eléctrico

Para entrega imediata: **ACAL**—Avenida Rodrigues de Freitas, 74-1.º—PORTO

3948

CERCADOS ELÉCTRICOS

KOLTEC



- * *Alimentados* por pilhas secas de modelo patenteado e de longa duração.
- * *Sistema* ideal para guarda de gado em pastigo directo, sem intervenção de pastores.
- * *Montagem e desmontagem* facilísimas e rápidas.
- * *Perímetros* de cercado até 20 kms.
- * *Modelos* especiais para gado lanígero ou rebelde.
- * *Sem* avarias.
- * *Preço* acessível.

IMPORTADORES exclusivos:

Agência Comercial Ria, Lda. — Apartado 60 — A VEIRO

3941



Desde 3 1/2 HP - 600 R.P.M.

MOTORES A ÓLEO

BAMFORD

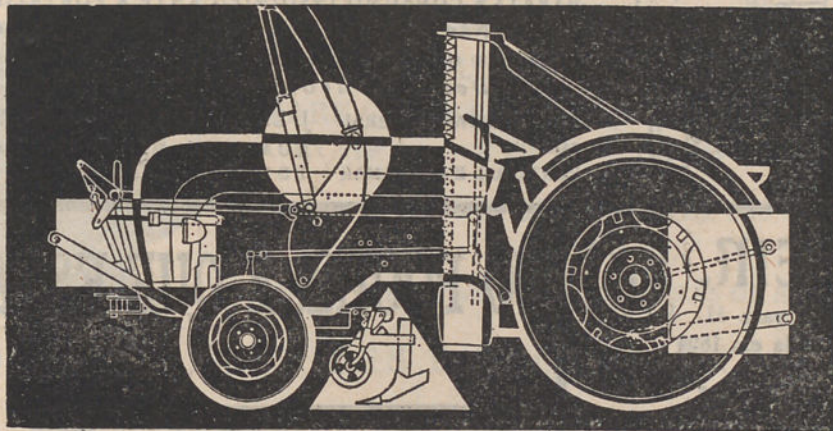
DIESEL

O MELHOR MOTOR INGLÊS PARA A AGRICULTURA E PEQUENA INDÚSTRIA

RESISTENTES SIMPLES FACILS DE MANEJAR ECONÓMICOS GARANTIDOS

JAYME DA COSTA, L.^{da}
 14 - R. dos Correios - LISBOA
 12 - P. da Batalha - PORTO
MECÂNICA E ELECTRICIDADE EM TODAS AS APLICAÇÕES

1149



Standard Star Super 329 E
Standard J Master

15, 28, 33, 42 E 55 HP.

novo sistema hidráulico com regulação de profundidade e amplificação de aderência. Sistema central com cinco circuitos para levantador de 3 pontos frontal, pá carregadora, gadanheira, levantador trazeiro de 3 pontos e elevador entre eixos

blocagem do diferencial
cilindros independentes

embragem mecânica e hidráulica tipo Voith
arrefecimento por ar, patente Porsche, regulado por termostato, com aviso sonoro no caso de ser atingida a temperatura limite

COMPLETA GAMA DE ALFAIAS

**símbolo
de economia,
duração,
robustez e
rendimento**

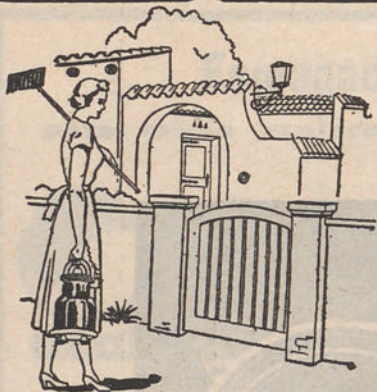
PORSCHE - DIESEL

J. J. GONÇALVES SUCESSORES

LISBOA — PORTO — ÉVORA — BRAGA — SANTAREM

AGENTES EM TODOS OS DISTRITOS

3918



"VIBRO-VERTA"

A BOMBA SUBMERSÍVEL ELECTROMAGNÉTICA

PARA:

Usos caseiros - Pequenas regas - Lavagens a pressão
 BARATA * CONSUMO INSIGNIFICANTE * PORTÁTIL
 Não requer cuidados nem instalação especial
 Liga-se a qualquer linha monofásica da iluminação
Demonstrações grátis.

3877

REPRESENTANTE GERAL J. L. DUARTE DE ALMEIDA, SUC. RA
 PARA RUA DE S. MIGUEL, 61 - PORTO
 PORTUGAL E ULTRAMAR TELEF. 26515

H. KLEIN, L.^{DA}

Sucessores da casa H. KLEIN
 Fundada em 1894

Produtos Enológicos

Taninos, gelatinas, produtos especiais para o tratamento, melhoramento e clarificação dos vinhos.

Derivados de Mosto de Uva do Douro

1823

Mosto esterilizado, Mosto concentrado, Mosto torrado.

Carvões vegetais activos

Para Enologia, Indústria açucareira, Indústria química.

R. da Montanha, 177 - V. N. DE GAIA
 Telef. 390141 Telegr. NIELK

O MELHOR

café

É O DA

Brasileira

61, Rua Sá da Bandeira, 91
 Telef.: 27146, 27147 e 27148

PORTO

ENVIASE PARA TODA A PARTE

NO POUPAR É QUE ESTÁ O GANHO

não deixe
 a sua horta
 ao acaso;
 obtenha mais
 e melhores
 produtos
 adubando
 com



AP 11/A. 1

SULFATO DE AMONIO

O adubo azotado que contém maior teor de ENXOFRE, um alimento nutritivo do mais alto interesse para as culturas hortícolas



3104

Motores e Grupos de Rega

VILLIERS



MOTORES A PETRÓLEO

QUATRO TEMPOS

MARK 10, MARK 20, MARK 25, MARK 40

1,1 HP 2 HP 2,4 HP 3,3 HP

GRUPOS DE REGA DE

1 1/2" 2" 2 1/2" 3"

ENCONTRÁ-LOS-A NAS BOAS CASAS DA SUA REGIÃO

REGUE COM VILLIERS E REGARÁ TRANQUILO

AGENTES GERAIS EM PORTUGAL

SOCIEDADE TÉCNICA DE FOMENTO, LDA.

PORTO — Av. dos Aliados, 168-A

Telef. 26526/7

LISBOA — R. Filipe Folque, 7-E e 7-F

Telef. 53393 3532

Viveiros da Quinta do Tamariz

Os maiores viveiros do Norte do País, com a maior selecção de barbados americanos e árvores de fruto. Plantas talhadas; coníferas; arvoredos; arbustos para jardins; plantas para sebes; roseiras; trepadeiras; etc., etc.

Serviços de assistência técnica. — Instalação de pomares. — Ordenação de propriedades e surribas.

No seu próprio interesse visite os n/ viveiros.

PEÇA CATÁLOGOS GRÁTIS

Sociedade Agrícola da Quinta do Tamariz, Lda.

Carreira — Silveiros (Minho)

Telef. 71 — NINE



W i n o

MASTIQUE

especial para a

VEDAÇÃO PERFEITA DO VASILHAME

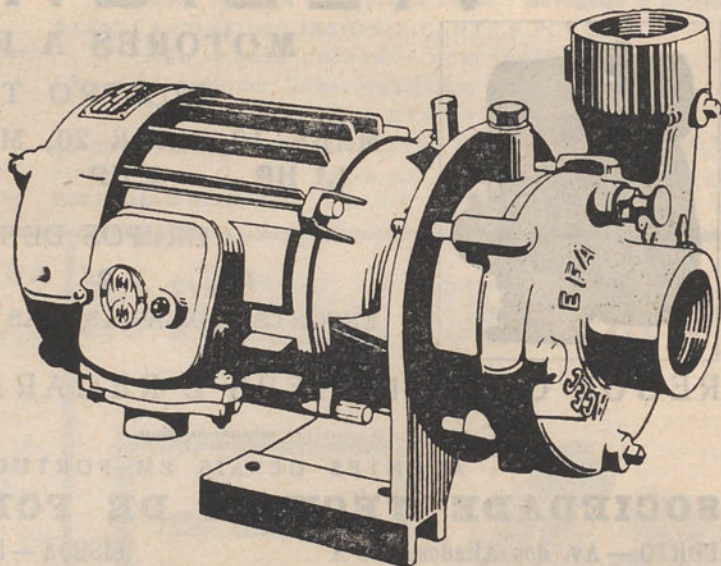
Avenida Rodrigues de Freitas, 68 PORTO

8689

ELECTROBOMBAS EFACEC

ALTO
RENDIMENTO

BAIXO
CONSUMO



AGENTE OFICIAL:
BONNEVILLE OLIVEIRA

R. DE CAMÕES, 310 — TELEF. 20859 — PORTO

HERPETOL

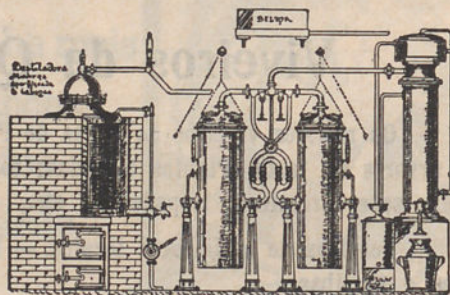
PARA DOENÇAS DA PELE

UMA GOIJA DE HERPETOL e o seu desejo de coçar passou. A comichão desaparece como por encanto. A irritação é dominada, e a pele é refrescada e aliviada. Os alívios começaram. Medicamento por excelência para todos os casos de eczema húmido ou seco, crostas, espinhas, erupções ou ardência na pele.

À venda em todas as farmácias e drogas

**VICENTE RIBEIRO & CARVALHO
DA FONSECA, LIMITADA**

RUA DA PRATA 237 — LISBOA



Oficina Manufactora de Caldeiraria

Destiladoras contínuas, Alambiques Dercy e de coluna ao lado, Destiladores de água, Serpentinhas, Esquentadores e Cilindros eléctricos para aquecimento de água e Braseiras de cobre e latão, simples e artísticas, etc.

Caldeiras para a indústria de Lactínios, Tinturaria, Lagares, etc.

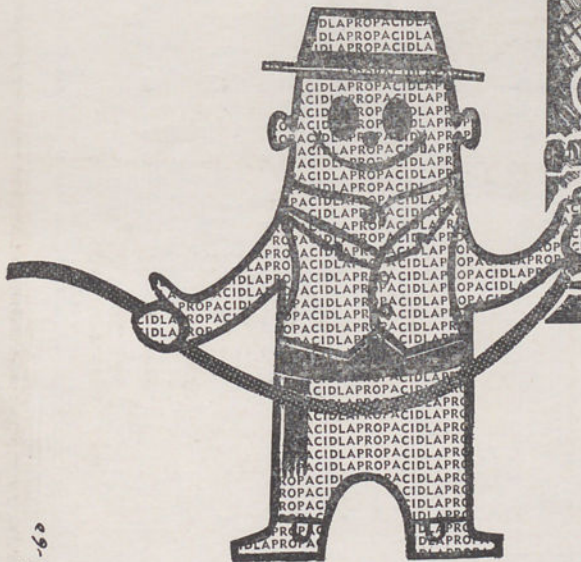
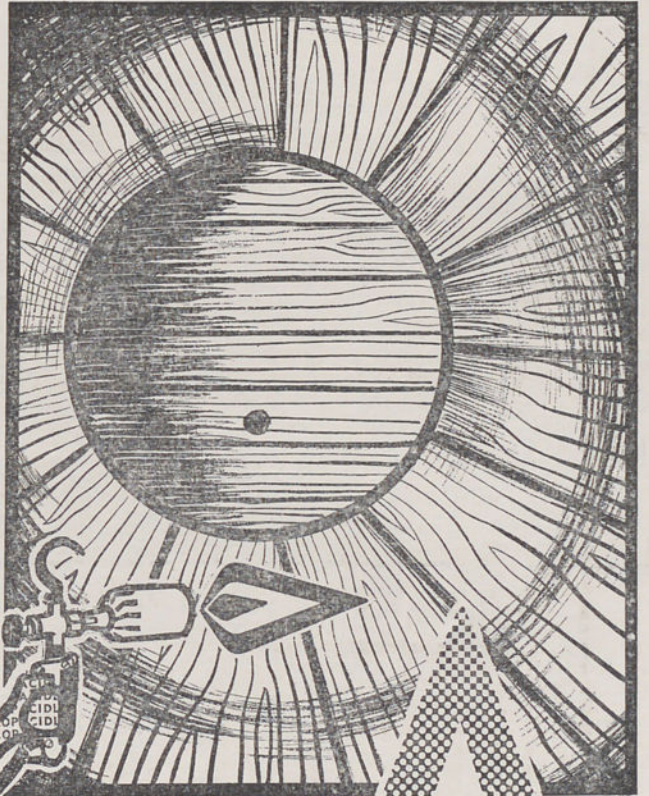
Belmiro Pinto de Mesquita

Est. de Vendas:

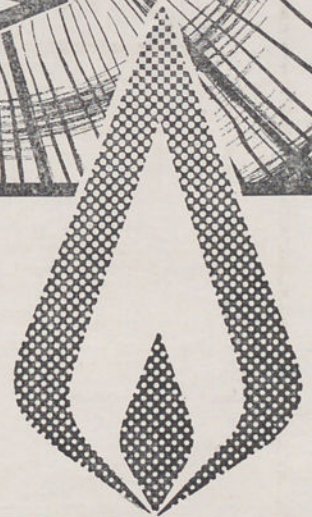
Oficina:

R. Santos Pousada, 467 a 471-PORTO-R. Caldeireiros, 67-69

*para a extracção
do sarro
de vasilhame
e cubas de vinho*



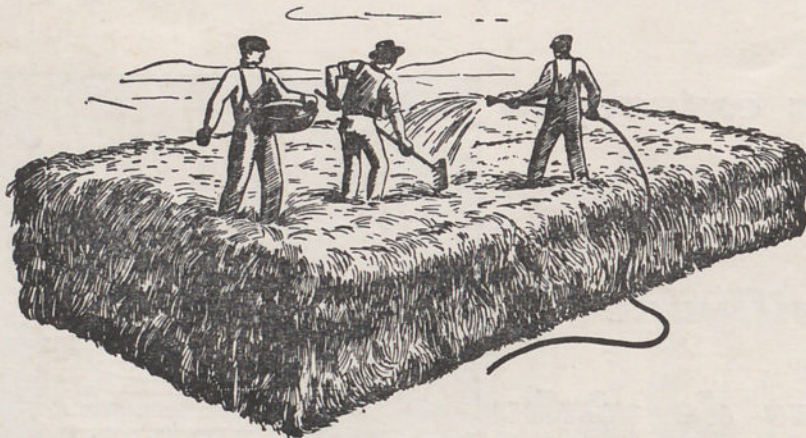
use



PROPACIDLA

O MELHOR GÁS AO SERVIÇO DA INDÚSTRIA

AGRIEL FERRÃO-62



Snr. Lavrador

A matéria orgânica é
indispensável para se obter
bons rendimentos.

Transforme as suas
palhas em óptimo estrume
utilizando

8165

CIANAMIDA CÁLCICA

(CAL AZOTADA)



COMPANHIA PORTUGUESA DE FORNOS ELÉTRICOS

INSTALAÇÕES FABRIS
CANAS DE SENHORIM



SERVIÇOS AGRONÓMICOS
LARGO DE S. CARLOS, 4-2º
LISBOA - TELEF. 368989